

JOSÉ MARIA ALVES

TEXTOS DO AGORA I

WWW.HOMEOESP.ORG

INTRODUÇÃO

Em Abril de 2006, vi ser dado à estampa *O Eterno Agora e a Revelação da Consciência*, último livro que publiquei.

Posteriormente, tendo em consideração a actividade que vinha desenvolvendo como responsável pela formação pedagógica dos Homeopatas Sem Fronteiras de Portugal e a imperiosa necessidade de divulgar a Medicina Homeopática de molde a que os interessados de língua portuguesa tivessem acesso a um instrumento que lhes permitisse numa primeira abordagem estudar e praticar tal terapêutica, com a consciência e respeito que a mesma impõe, aproveitando algum material de que dispunha e outro que planeei criar, considerei a possibilidade de elaborar um sítio na net, que primasse pela síntese e pela sistematização pedagógica.

De um projecto simples, nasceram em mim novas exigências, e com um talvez excessivo entusiasmo fui alargando o seu âmbito sem destruir o que privilegiei: a síntese e a sistematização pedagógica produtiva.

Hoje, estão online, para além de mais de uma centena de artigos, vários livros, que se constituíram com planeamentos sucessivos.

A estes iriam seguir-se as *Histórias Zen*, as *Histórias Sufis*, um *Fabulário*, *Parábolas e Textos Evangélicos* – sempre me impressionou o facto de que num país que se afirma católico a maioria da população nunca tenha lido, pelo menos, os mais famosos trechos do Novo Testamento –, os *Contos Tradicionais Portugueses*, *Reflexões*, e sabe-se lá o que mais...

O Budismo Zen – Zen é o nome que o Budismo adoptou no Japão quando para aí foi levado no século XII – não é uma religião nem uma filosofia. É uma mundividência alheia ao pensamento ocidental, um “caminho” de libertação, se é que a esta se pode aceder por um qualquer trajecto, uma apreensão da realidade tal qual ela é, no seu momento de eternidade: o agora.

Nas palavras de Ch’ing-yuan:

« Antes de ter estudado o Zen durante trinta anos, via as montanhas como montanhas, e as águas como as águas. Quando cheguei a um conhecimento mais íntimo, alcancei o ponto em que vi que as montanhas não são montanhas, e as águas não são águas. Mas agora que alcancei a sua essência real, estou tranquilo. Porque é justo que eu veja as montanhas como montanhas, mais uma vez as águas como águas.»

Lien Tzu, foi discípulo do Mestre Lao Chang, relatando sucintamente a sua aprendizagem:

« Depois de o ter servido pelo espaço de três anos, a minha mente não se atrevia a reflectir sobre o certo e o errado, os meus lábios não se atreviam a falar de lucros e de perdas. Então, pela primeira vez, o meu Mestre concedeu-me um olhar – e isso foi tudo.

Ao fim de cinco anos houvera uma mudança; a minha mente reflectia sobre o certo e o errado, e os meus lábios falavam de lucros e perdas. Então pela primeira vez, afrouxou a severidade do seu semblante e sorriu.

Ao fim de sete anos, houve outra mudança. Deixei que a minha mente pensasse o que lhe aprouvesse, e ela deixou de se preocupar com o certo e o errado. Deixei que os meus lábios pronunciassem o que lhes apetecesse, mas eles deixaram de falar em lucros e perdas. Então, finalmente, o meu Mestre conduziu-me a um lugar sobre a esteira, a seu lado.

Ao fim de nove anos, a minha mente soltou as rédeas às suas reflexões, a minha boca deu livre passagem ao seu discurso. De certo e errado, de lucros e perdas, não tinha eu conhecimento, tanto no que a mim se referia como no que dizia respeito aos outros... O interno e o externo tinham-se fundido na unidade. Daí em diante, não havia já distinção entre olho e ouvido, ouvido e nariz, nariz e boca: todos

eram o mesmo. A minha mente estava gelada, o meu corpo dissolvido, carne e ossos fundidos numa só substância. Não tinha a menor consciência daquilo sobre que o meu corpo repousava, ou do que havia sobre os meus pés. Era transportado para um lado e outro, na asa do vento, como palha seca ou folhas caindo de uma árvore. Em verdade, não sabia se o vento me cavalgava ou se era eu que cavalgava o vento.»

Transmitir o conhecimento Zen por intermédio das suas histórias, será porventura actividade mais profícua do que dissertar teoricamente acerca dele, ainda que de modo judicioso.

Aprender Zen pela prática do Zen, reflectida nas histórias de Mestres, nas vivências reais dos seus praticantes é sabedoria, contrária à estéril erudição.

O Sufismo pode ser considerado como a espiritualidade – *no seu sentido mais profundo* – ou mística da religião islâmica.

Como todo o misticismo, é fundamentalmente apreendido na simplicidade que repudia e ignora conceitos transcendentais. Esta, não se assume como facilidade, mas antes, como uma realidade alheia à teorização obnubiladora. A razão está naturalmente incapacitada para atingir a Verdade.

O Sufismo tem como doutrina fundamental a “unidade do ser”. Não existe outro deus para além de Deus, bem como não há outra realidade para além da Realidade.

As histórias têm o dom de poder libertar quer a intuição quer a inspiração de quem as lê – para além das que forem aqui narradas, vejam-se em www.homeosp.org as *Histórias de Nasrudin*.

As fábulas são lições de prudência e sensatez, que emigram como os povos. Nesse movimento incessante, adquirem, modificam e perdem caracteres e qualidades, sofrendo conseqüentemente múltiplas variações nas épocas.

Há quem refira Esopo como o “pai” das fábulas, mas antes dele, na Grécia clássica e noutras culturas mundiais a sua existência é evidente.

O *Livro de Esopo*, é um manuscrito do século XV, que foi encontrado numa biblioteca de Viena de Áustria, pelo etnógrafo Leite de Vasconcelos.

Posteriormente, um outro fabulário surgiu em Portugal, no ano de 1643, dado à estampa na cidade de Évora: o de Manuel Mendes da Vidigueira, “*Vida e fábulas do insigne fabulador Esopo, de novo juntas e traduzidas com breves aplicações morais a cada fábula*”.

A fábula erudita tem o seu início no século XVI, e são muitos os poetas portugueses e brasileiros, que se dedicaram à sua tradução e adaptação.

Um nome para além fronteiras logo se nos depara, quer pela sua eloquência quer pela escolha realizada no material existente: La Fontaine. Deste e da sua influência, avultam em território nacional dois nomes: Filinto Elísio e Bocage, que traduziram e imitaram as suas fábulas. No entanto, muitos outros o fizeram.

As fábulas de La Fontaine não conhecem fronteiras na sua divulgação, como as não conhecem no que às origens respeitam. Uma são oriundas de compilações orientais, outras gregas – v.g. *de Esopo, Fedro* – e outras árabes.

São antes de mais anónimas e num sentido ainda que restrito, património da humanidade.

La Fontaine, ao descrever o “carácter” dos animais, retratou indivíduos e a sociedade da sua época com as suas especificidades próprias, sem olvidar a prossecução dos interesses morais subjacentes às narrativas.

A nossa escolha, é fundamentalmente a escolha da escolha de La Fontaine, nem a melhor nem a pior, mas a que nos foi possível.

A nossa adaptação pecará pela síntese e pela insuficiência de ornatos.

Julgamos que a estrutura ou essência da fábula, deverá ser a brevidade e a inteligibilidade imediata.

Incluímos nestes textos uma pequena antologia de poesia *haiku*, ou *haikai*, expressão utilizada pelos poetas de expressão portuguesa.

O *haiku* tem a sua derivação numa forma poética que se desenvolveu no Japão a partir do século IX, designada *tanka*, com cinco versos de cinco e sete sílabas.

Após várias mutações – *renga, hokku, haikai-renga* –, uma estrofe de três versos – *com cinco, sete e cinco sílabas* – foi tornada independente como forma poética, tendo-lhe sido atribuído por Masaoka Shiki o nome de *haiku*.

No entanto, foi Bashô Matsuo, que viveu no século XVII, considerado o maior poeta desta arte. A simplicidade foi o apanágio da sua vida e obra, não obstante nascesse samurai. Os seus poemas debruçam-se sobre os mais variados estados de espírito, por si e na sua ligação com a natureza. Em Bashô, vive o instante poético, o imediato, que se concretiza em dois princípios estéticos: por um lado a imersão do poeta no universo, e por outro, um efeito que podemos denominar *leveza*, e que se prende com o modo de contemplação da realidade, susceptível inclusivamente de a transcender.

Para além de Bashô, destacam-se entre outros, Chigetzu, discípula deste, Seifu – *séc. XVIII* –, Buson – *séc. XVIII* –, Masaoka Shiki – *séc. XIX* –, Nagata – *séc. XX* –.

Shiki criticou Bashô na perspectiva da poesia daquele ser demasiadamente explicativa, expurgando-a da pureza que advém da captação do instante.

Na actualidade, Yoshiko, na sua subjectividade, dá-nos a conhecer quer a sua localização no espaço, quer as suas emoções e sentimentos, enquanto Teiko afirma que “cantar as flores e as aves e dizer as coisas com objectividade é o modo do *haiku* de feição tradicional”.

O *haiku*, para além de poesia, é uma mundividência, que capta em estilo conciso, numa pura observação, de modo instantâneo as sucessivas experiências, o instante, o agora, na sua relação indivisível interior/exterior. Poesia breve e simples, que exige uma atenção constante a tudo o que nos envolve e ao nosso interior – *daí a sua componente mística* –, muito em especial, um espanto constante no que toca à diversidade fenomenal da Natureza.

É a arte de dizer o máximo com o mínimo – por isso, nos é tão grata.

Bashô estampou no *haiku* o espírito do budismo zen, o que justifica amplamente a inclusão nestes textos de alguns dos poemas e poetas mais representativos.

Julga-se que no Japão actual, são mais de dez milhões de almas as que se dedicam a escrever *haiku*. Este não é privilégio de nenhuma casta, nem de profissionais ou inspirados ocasionais. Na sua forma livre, se se quiser, adulterada, poderá constituir-se como uma forma de meditação quotidiana, de exercício espiritual, para quantos na vida por esta são consumidos, quando deveriam ser eles a consumi-la.

E se for vossa intenção escrever ao estilo *haiku*, sendo certo que qualquer coisa da vida seja ela qual for, pode ser dita neste estilo poético, ficam aqui as palavras de Kuroda Momoko: “Escreve muitos *haiku* e deita muitos fora. Neste processo, descobrirás o teu verdadeiro estado de espírito. Se quiseres começar a escrever *haiku*, terás de compor muitos.”

Para além deste material que muito nos apraz, há todo um conjunto de reflexões e vivências do quotidiano, que plasmadas sem planeamento prévio, gozam da liberdade que até ao momento nos tem faltado.

Os textos sem qualquer indicação de proveniência, são da responsabilidade do autor.

Cada livro, essencial ou não, transforma-se num projecto rígido que só nos satisfaz – *quando satisfaz...* – quando o damos como definitivamente terminado. Instala-se em nós uma espécie de ansiedade que só se desvanece

no momento da finalização, mas que ressurgue de imediato, com a nova ideia, o novo planeamento.

É evidente que livros técnicos não podem ser escritos sem uma ordem sistemática, sem um plano geral, e independentemente de um processo racional que se prossegue para atingir um fim. Tal exigência não é compreensível nos restantes.

A vida flui como o rio que viaja para outro maior ou para o mar, ora serpenteando vales, ora desfazendo-se em intrépidas cascatas. Não há um único momento em que seja idêntico, assim como o seu leito é sulcado ao longo de milénios sem qualquer intencionalidade.

O nosso quotidiano alimenta-se do “agora”. A liberdade concentra-se no “agora” e não no que projectamos ser ou fazer, num futuro que poderá ter ou não existência.

Entendo a criatividade como algo que nunca termina. Nesta atitude, nada há a atingir, e tudo ficará para todo o sempre inacabado, tal como o próprio Universo.

Em bom rigor inexistente e nunca haverá “obra feita”.

Os *Textos do Agora*, se têm um começo em suporte físico, nunca serão, ou terão um fim determinado ou determinável, muito menos qualquer finalidade específica. São como a ave que migrando no bando pela primeira vez, desconhece quer o objectivo quer o local de aterragem.

Os textos findarão tão naturalmente quanto começaram. Mas, serão sempre o fruto do agora, sem objectivo, intencionalidade, impaciência, sem pressa e ansiedade.

Por isso mesmo, são os textos mais libertos que conheço e reflectem o meu caminho, que afinal não é caminho nenhum.

José Maria Alves

*Em cima, nem uma telha a cobrir a cabeça
Em baixo, nem um palmo de terra para o pé.*

*Na vida vigora a dúvida.
Duvidai sempre de tudo, mesmo de mim, especialmente
de mim.*

15 de Outubro de 2007

&&&

Um Mestre Sufi, no final de cada prelecção narrava aos alunos uma parábola, mas eximia-se de explicar o seu significado.

Um perguntou:

“Mestre, contas-nos inúmeras e belas histórias, mas nunca nos elucidas sobre o seu significado.

A maior parte das vezes, se reconhecemos a sua profundidade, somos incapazes de reconhecer os seus objectivos, a essência dos seus ensinamentos.”

“As minhas mais sinceras desculpas”, disse o Mestre, “é de todo pertinente a tua crítica. Permite-me que como compensação e reconhecimento da minha falta te ofereça um pêssego.”

“Bem hajas, Mestre”, respondeu o discípulo agradecido.

“Melhor, deixa que te descasque o pêssego. Permites?”

“Sim Mestre.”

“Sendo assim, gostaria de to partir em pequenos pedaços para que mais facilmente o possas saborear.”

“Mestre, não quero abusar da tua gentileza.”

“Não é um abuso, faço-o de bom grado.

Já agora, permites que to mastigue?”

“Por amor de Alá, isso não!”, respondeu o jovem discípulo um tanto estupefacto com tal proposta.

“Explicar o sentido das histórias, será o mesmo que oferecer-vos fruta mastigada.”

História Sufi

&&&

Nasrudin, na praça do mercado
Dirigiu-se à multidão:
“Povo deste lugar.
Minha boa gente
Que sempre trago no coração.
Quereis conhecimento sem dificuldade?
Verdade sem réstia de falsidade?
Realização sem esforço?
Progresso sem sacrifício?”

O número de pessoas era cada vez maior
E todos bradavam
Do mais velho ao mais moço:
“Queremos, queremos!”

No meio de todo o entusiasmo,
De toda aquela gente,
Disse o Mullá:
“Excelente.
Apenas o queria saber para bem entender.
Confiem em mim
Como em vossos pais confiastes e confiais.
Porfiai que tudo a respeito vos contarei
Caso algum dia
Descubra algo assim.”

(Das *Histórias de Nasrudin*, I)

&&&

Um professor da Universidade visitou Nan-In inquirindo-o sobre o Zen. Logo começou um longo discurso sobre tudo o que lhe assoberbava o espírito.

Nan-In ia servindo chá.

Encheu a taça, continuou a enchê-la, até que o líquido começou copiosamente a transbordar inundando a mesa.

Sem se poder conter disse o erudito:

“Está cheia Nan-In, completamente, há chá por todo o lado...”

Respondeu Nan-In:

“A taça está repleta dos seus condicionamentos, juízos e conhecimentos obsoletos.

Como poderei inculcar a essência do Zen onde não há lugar para nada mais?”

História Zen

&&&

O velho tanque –
Uma rã mergulha,
Barulho de água.

Bashô

&&&

Por isso vos digo: Não vos inquieteis quanto à vossa vida, com o que haveis de comer ou beber, nem quanto ao vosso corpo, com o que haveis de vestir. Porventura não é o corpo mais do que o vestido e a vida mais que o alimento? Olhai para as aves do céu: Não semeiam, nem ceifam, nem recolhem em celeiros; e o vosso Pai celeste alimenta-as. Não valeis vós

mais do que elas? Qual de vós, por mais que se preocupe, pode acrescentar um só côvado à duração da sua vida?

Porque vos preocupais com o vestuário? Olhai como crescem os lírios do campo! Não trabalham nem fiam. Pois Eu vos digo: Nem Salomão, em toda a sua magnificência, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, como não fará muito mais por vós, homens de pouca fé? Não vos preocupeis, dizendo: Que comeremos, que beberemos, ou que vestiremos? Os pagãos, esses sim, afadigam-se com tais coisas; porém, o vosso Pai Celeste bem sabe que tendes necessidade de tudo isso. Procurai primeiro o Seu reino e a sua justiça, e tudo o mais se vos dará por acréscimo. Não vos inquieteis, portanto, com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã já terá as suas preocupações. Bem basta a cada dia o seu trabalho.

Mt 6, 25-34

&&&

É anónimo o autor
Deste esplêndido poema
Sobre a Primavera.

Shiki

&&&

Um discípulo de Gazane
Que estava na universidade da capital,
Quando regressou
Perguntou se o Mestre
Já havia lido a Bíblia ou passagens desta.

Na negativa, Gazane
Solicitou a leitura de algo.
O monge abriu o livro sagrado
E leu:
“Porque vos preocupais com as roupagens?
Olhai os lírios do campo, como crescem.
Eles não trabalham nem fiam,
E contudo eu vos digo
Que nem Salomão se vestiu como um deles.
Não vos inquieteis pois com o dia de amanhã,
Que o amanhã se inquietará
Pelas coisas que lhe respeitam.”
Gazane deliciou-se.
A sua mente ficou em silêncio durante minutos,
Até que por fim disse:
“Quem quer que tenha proferido essas palavras
É um iluminado.
São a essência de tudo o que vos tento ensinar
E do que pregarei até à minha morte.”

História Zen

&&&

Caminhava numa rua movimentada
Um Sufi vestido com o manto de lã característico da Ordem.
Passou por ele um cachorro que sujo de lama e lodo
Lho manchou.
Sem delongas, castigou-o de bengala, com tanta severidade
Que muito o aleijou.
O pobre animal prostrou-se uivando de dor
Aos pés do sábio Abu Saaid, pedindo justiça pelo dano.
O sábio buscou o Sufi e disse:
- Como é que tu, criatura de Alá, te permitiste tal feito?
Fazer tamanho mal a este pobre cão?
- Perdoai-me sábio, mas não tenho a menor culpa.
Se lhe bati, não me tivesse manchado o manto

E o incidente não ocorreria – respondeu.
De tanta indignidade se indignou o sábio
Enquanto o ofendido jazia gemendo.
O sábio perguntou então ao cão qual o castigo adequado
Para o grosseiro homem, para o Sufi.
- Ouve-me sábio – disse o cão –, vendo-o assim,
Com o manto sufi, nele confiei julgando-o santo.
Jamais imaginei que me provocasse tanto pesar.
Se o não tivesse vestido tudo faria para o evitar.
E aí errei.
Mas se o queres castigar retira-lhe as vestes
Que dos justos são, por direito e valência,
Para que mais nenhum incauto seja ludibriado
Pela sua aparência.

História Sufi

&&&

A tranquilidade
De andar sozinho,
De me divertir sozinho.

Shiki

&&&

Há muitos anos viveu na Índia um velho sábio.
Sem crenças, sem Deus, sem nada.
Repudiava ritos, religiões, deuses,
Tudo o que não fosse experiência própria e directa da Verdade.

Começaram a vir discípulos para o ouvir.
Construíram uma casa e com a sua morte
Continuaram a reunir-se
Reverenciando a sua imagem, os seus ensinamentos
E do pouco ou do nada criaram uma religião
Com culto, fé e devoção
Que difundiram
À custa de alguma caridade e de outra tanta repressão.
Mais valera ao Santo sábio
Não ter falado,
Ter ficado calado.

&&&

Outrora, um padeiro desejava ardentemente conhecer Shiblí.
Este foi à sua padaria, e sem qualquer explicação, tomou um pão nas suas mãos, preparando-se para sair sem pagar.
O padeiro, que o não conhecia, correu na sua direcção, arrancou-lhe bruscamente o pão das mãos e disse:
- Vai-te mendigo, desaparece da minha casa. Este pão não te pertence, não é para ti.
Depois de Shiblí se ausentar, um cliente perguntou ao padeiro:
- Não sabes que o homem que expulsaste é Shiblí? Como é que pudeste negar-lhe um simples pão?
Envergonhado e pesaroso, correu no seu encalço e arremessando-se de joelhos a seus pés, pediu perdão.
Shiblí disse:
- Se queres ser perdoado, prepara um banquete para amanhã e convida todos os que conheces, sem distinção de riqueza ou cargo.
O padeiro preparou faustosa festa e convidou todos os que encontrou.
Chegado Shiblí, sentaram-se para o repasto todos os convivas, e logo um dos presentes, homem piedoso, aproveitou para o questionar:
- Shiblí, como posso eu distinguir entre o homem bom e o mau?
Este respondeu:
- Se é um homem mau que buscas, atenta no nosso anfitrião.

Por mim despendeu cem moedas de ouro. Por Alá, nem um pão quis doar. Seria preferível, ao invés de se dispor a gastos exorbitantes com um homem considerado célebre, dar um pão com amor e doçura a um mendigo. Parecer bom e generoso nada diz, nada é. O que releva é a verdade e a pureza da intenção.

História Sufi

&&&

Shi-Yan, quando intentava falar com o seu Mestre
Dizia para si mesmo em voz alta:

- Mestre!

E respondia:

- Sim?

Continuava:

- Fique atento. Sempre atento.

Consciência constante.

Continuamente.

E voltava a responder:

- Sim meu Mestre, certamente.

Completava:

- Não se deixe iludir pelos outros.

Coração de pomba e espírito de serpente.

E sancionava a asserção:

- Sim, certo, não esquecerei meu Mestre.

História Zen

&&&

Tão mirrada,
De tanto arroz e cevada,
A gata enamorada.

Bashô

&&&

Certo dia, disse Gazane aos discípulos:
“Estão certos todos os que se indignam
Contra o acto de matar
Pretendendo poupar a vida
Dos seres sensíveis.
É acertado poupar a vida de animais e insectos.
Mas que dizer dos que matam o tempo?
Dos que destroem riqueza?
Dos que malbaratam dinheiros públicos?
Não nos esqueçamos deles na sua indignidade.
Mais ainda:
Dos que pregam sem iluminação?
Esses matam o Budismo.”

História Zen

&&&

À cotovia,
Que canta sem cessar,
O dia inteiro não basta.

Bashô

&&&

Um viajante encontrou a casa de um beduíno perdida no meio do deserto. Este não tinha mais do que um pouco de leite de cabra, que não saciou a fome do hóspede.

Nisto, o beduíno disse à esposa:

“Mata a cabra.”

“Marido, é tudo o que temos, sem ela morreremos de fome.”

“Antes morrer de fome que deixar o nosso hóspede faminto. Mata a cabra, mulher!”

A cabra foi morta, cozinhada e servida.

Na hora da partida, o hóspede disse ao seu criado:

“Dá ao nosso anfitrião tudo o que contigo trazes.”

“Mas, Senhor, tamanha riqueza por uma cabra apenas?”, questionou o servo.

“É verdade. No entanto, este bom homem deu-nos tudo o que possuía e nós pouco lhe estamos a dar. A sua generosidade é muito superior à nossa.”

História Sufi

&&&

Flutuando,
Abandona-se ao vento
Uma borboleta.

Shiki

&&&

Um Mestre Zen vivia em pequena cabana
Simples e humildemente no sopé da montanha.
Em noite de lua cheia entrou um ladrão
Apenas para constatar que nada havia para furtar.
O Mestre que se ausentara para colher lenha
Surpreendeu-o com ar desolado, e disse:
“Fizeste provavelmente longa viagem.
Não quero que voltes de mãos vazias.
Leva como dádiva as minhas únicas roupas.”
O ladrão ficou perplexo,
Saindo como havia entrado.
O Mestre sentou-se nu, olhando a Lua.
“Pobre desgraçado”, pensou,
“Gostaria de lhe ter dado esta Lua.”

História Zen

&&&

No mosteiro, uma monja
Bela, alegre e apeteçada,
Despertava os anseios de alguns noviços.
Um deles, sem os conseguir refrear,
Escreveu-lhe propondo apartado encontro.
No dia seguinte,
Logo que o Mestre deu a palestra por terminada,
Eshun, a gentil monja ergueu-se
E perante todos, de frente para o noviço disse:
- Recebi a tua carta secreta onde te afirmas apaixonado.

Mas o amor não é algo que se manifeste escondido,
Pois é pleno e sincero.
Se me amas como dizes,
Vem até mim e abraça-me
Para que todos vejam e sintam.
Afirma-o aos mares e aos ventos
Aos espaços e aos tempos.
Onde há amor não há medo,
Secretismo, cinismo, hipocrisia.
Onde viceja o amor
Há fartura e não há penúria.
Que há para esconder quando se ama?
Que há para ocultar onde viceja tal sentimento?
O monge envergonhado baixou a cabeça
Retirando-se em surdo lamento.
Em boa verdade, apenas sentia desejo,
Lascívia, luxúria.

História Zen

&&&

No perfume das flores de ameixa,
O Sol de súbito surge –
Caminho da montanha!

Bashô

&&&

Houve em tempos
Uma mulher depravada, impúdica,
De alma manchada,
Pecadora aos olhos dos homens.
Passava junto de um poço
Quando um cachorro escanzelado
Denotava sede mortal.
Olhou-o e ficou-se
Esquecendo os seus afazeres,
Que mais eram prazeres.
Com afeição e brandura
Colheu água
Que lhe deu a beber,
Sustendo-lhe o sofrer.
Alá louvou-a na Terra e nos Céus
Derramando na pecaminosa sua benção.
Na noite da minha ascensão,
Eu vi aquela mulher
Bela e luminosa
Plena de amor e compaixão
Residindo no paraíso.

História Sufi

&&&

A Lua da montanha
Gentilmente ilumina
O ladrão de flores.

Issa

&&&

Um monge questionou Joshu?
“Mestre, o que é o satori?*”
Como é que o posso atingir?”
Disse Joshu:
“Quando tiver fome coma,
Quando tiver sede beba
E quando estiver cansado repouse.”

História Zen

* O *satori* é a iluminação súbita. Componente absolutamente essencial na prática Zen, que surge quando o iniciado abandona todas as suas inquietações físicas, mentais e espirituais; quando está preparado e percebe a realidade tal como ela é e não de modo condicionado pelas suas experiências ou motivações inconscientes.

&&&

Para vir a gostar tudo,
Não queiras ter gosto em nada.
Para vir a saber tudo,
Não queiras saber algo em nada.
Para vir a possuir tudo,
Não queiras possuir algo em nada.

Para vir ao que não gostas,
Hás-de ir por onde não gostas.
Para vir ao que não sabes,
Hás-de ir por onde não sabes,
Para vir a possuir o que não possuis,
Hás-de ir por onde não possuis.
Para vir ao que não és,
Hás-de ir por onde não és.

Quando reparas em algo,
Deixas de arrojarte ao todo.
Para vir de todo ao todo,
Hás-de deixar-te de todo em tudo.
E quando o venhas de todo a ter,
Hás-de tê-lo sem nada querer.

Nesta desnudez acha o espírito o seu descanso
Porque não cobiçando nada,
Nada o afadiga para cima e nada o oprime
para baixo porque está no centro
da sua humildade.

*S. João da Cruz**

* São João da Cruz nasceu em 1542 e faleceu em 1591.

Foi beatificado por Clemente X em 25 de Janeiro de 1675 e canonizado por Bento XIII em 26 de Dezembro de 1726.

Foi declarado Doutor da Igreja Universal por Pio XI em 24 de Agosto do ano de 1926.

Como escreveu Pio XI, nas Letras Apostólicas de 24 de Julho de 1926, “No correr dos tempos alcançou João depois da morte em 1591, tanta autoridade na Mística, que logo o escolheram para mestre de santidade e piedade os escritores da ciência sagrada e os varões virtuosos, e em sua doutrina e escritos, como em fonte cristalina do sentido cristão e espírito da Igreja, hauriram sua inspiração os que trataram de coisas espirituais.”

As obras completas do nosso Doutor Místico, estão publicadas pelas Edições Carmelo e contêm:

- Subida do Monte Carmelo;
- Noite Escura;
- Cântico Espiritual;
- Chama Viva de Amor;
- Cartas – Cautelas;
- Ditos de Luz e de Amor; e
- Avisos – Poesia.

Nestes textos incluiremos as Poesias, em conformidade com as nossas meditações, ordenadas em conformidade com a ordenação do santo, mas sem qualquer sistematização no posicionamento deste livro.

As três primeiras, respeitam à *Noite Escura* – veja-se também a *Subida do Monte Carmelo* –, ao *Cântico Espiritual* e à *Chama Viva de Amor*.

&&&

O ano chega ao fim –
Capa de chuva nas costas
E sandálias nos pés.

Bashô

&&&

Ao ver a multidão, Jesus subiu a um monte, e, depois de se ter sentado, aproximaram-se d'Ele os discípulos.

Tomando, então, a palavra, começou a ensiná-los dizendo:

Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.

Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.

Bem-aventurados os que sofrem perseguição, por causa da justiça, porque deles é o reino dos Céus.

Bem-aventurados sereis, quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o género de calúnias contra vós, por Minha causa.

Exultai e alegrai-vos, porque grande será a vossa recompensa nos Céus; porque também assim perseguiram os profetas que vos precederam.

Mt. 5, 1-12

&&&

A solidão
Após matar uma aranha –
Noite fria.

Shiki

&&&

Nas montanhas da China vivia um eremita que se dizia possuir uma imensa sabedoria, fama que se estendia por uma vasta região.

O Imperador, tendo conhecimento de tal facto, enviou emissários para que lhe oferecessem o cargo de primeiro-ministro no palácio imperial.

Chegados ao lugar onde se encontrava, após múltiplas peripécias e informações contraditórias dos habitantes do burgo, encontraram-no a meditar, sentado numa pedra nas margens de um rio, e espantaram-se por ser aquele o homem de aspecto simples e miserável a quem o Imperador intentava nomear para tão alto cargo.

Ofereceram-lhe o lugar que o Imperador lhe destinava, dissertando longamente sobre a importância e honorabilidade do mesmo. O eremita ouviu pacientemente tudo o que lhe diziam.

Fez-se silêncio durante alguns minutos, após o que o eremita disse:

“Estais a ver aquela tartaruga que se desloca vagarosamente na lama da outra margem?”

“Vemos, bom Senhor.” – responderam os emissários.

Volveu o eremita: “Conta-se que no palácio Imperial existe num pequeno templo, uma tartaruga embalsamada com a carapaça coberta de valorosíssimas jóias. É verdade?”

“É verdade Senhor.” – responderam os emissários.

“Digam-me. Achais que aquela tartaruga trocaria de lugar com a divinizada tartaruga da corte?”

“Julgamos impossível.”

“Digam então ao nosso Imperador, que me mantereí fiel ao meu destino, e ao tipo de vida que escolhi. Antes vivo nestas maravilhosas montanhas, sulcadas por rios de águas límpidas e percorridas por seres livres e viventes, do que morto e embalsamado no luxo do vosso palácio” – respondeu convicto o eremita.

História Zen

&&&

Mais fria que a neve,
Sobre os meus cabelos brancos,
A Lua de Inverno.

Josô

&&&

Al-Rabi al Djizi passeava-se nas ruas do Cairo.
Alguém de uma janela derramou cinzas de uma caixa, que caíram na sua cabeça.
Desceu da montada, e começou a limpar sacudindo, quer a cabeça quer as vestes, mostrando-se imperturbável.
Um conhecido questionou-o:
“Não te irritaste? Não te aborreces com tamanha negligência?”
Respondeu:
“Quem merece o fogo do Inferno e em seu lugar recebe apenas cinzas, não tem motivo para se encolerizar.”

História Sufi

&&&

“Viajante”,
Poderia ser meu nome –
Primeira chuva de Inverno.

Bashô

&&&

Um simples homem, na Índia, percorria altas montanhas
Por estreita vereda
Quando se deparou com um tigre
Que esfaimado lhe barrou o caminho.
Correu sem destino, sem saber para onde.
Aproximando-se de precipício mortal,
Sem alternativa, viu as raízes de uma videira expostas.
Pendeu-se numa com a mão direita
E noutra com a esquerda.
Mesmo por cima de sua cabeça, sem o alcançar
O tigre impaciente movia-se em círculos.
Logo em baixo, no fundo da ravina,
Outro tigre aguardava a queda da apetecida presa.
Continuou firmemente preso às raízes.
Mas para seu espanto e desvario, dois ratos,
Um branco e outro preto roíam com vigor,
Um a raiz direita e o outro a esquerda.
No desespero de morte iminente
Seus olhos quedaram-se num morango
Esplendoroso e resplandecente
Que pendia à esquerda.

Amparando-se com a mão direita
Colheu-o, levou-o à boca e exclamou:
- Que delícia, saboroso...

História Zen

&&&

Manhã de neve.
Até mesmo os cavalos
Ficamos olhando.

Bashô

&&&

CANÇÕES DA ALMA

Em uma noite escura
Com ânsias em amores inflamada,
Ó ditosa ventura!
Sai sem ser notada,
Estando já minha casa sossegada.

Às escuras, segura,
Pela secreta escada disfarçada,
Ó ditosa ventura!
Em trevas e em celada,
Estando já minha casa sossegada.

Nessa noite ditosa,

Em segredo, porque ninguém me via,
Nem via eu qualquer cousa,
Sem outra luz nem guia
Excepto a que no coração ardia.

Mas esta me guiava
Mais certa do que a luz do meio-dia,
Aonde me esperava
Quem eu para mim sabia,
Em parte onde ninguém morar parecia.

Ó noite que guiaste,
Ó noite amável mais do que a alvorada:
Ó noite que juntaste
Amado com amada,
A amada no Amado transformada!

Em meu peito florido
Que só para ele inteiro se guardava,
Ficou adormecido,
E eu o acariciava
E o abanar dos cedros refrescava.

Da ameia a brisa amena,
Quando eu seus cabelos afagava,
Com sua mão serena
No colo me tocava,
E os sentidos suspensos me deixava.

Fiquei-me e esqueci-me,
O rosto reclinado sobre o Amado,
Cessou tudo e rendi-me,
Deixando meu cuidado
Em meio de açucenas olvidado.

São João da Cruz

&&&

Apenas estando aqui,
Estou aqui.
E a neve cai.

Issa

&&&

Quando curiosamente te perguntarem
Buscando saber o que é Aquilo,
Não deves afirmar ou negar nada,
Pois, o que quer que seja afirmado não é a verdade,
E o que quer que seja negado não é verdadeiro.
Como é que alguém poderá dizer com certeza o que Aquilo possa ser
Enquanto por si mesmo não tiver compreendido plenamente o que É?
E, após tê-lo compreendido,
Que palavra deve ser enviada
De uma região onde a carruagem da palavra
Não encontra um trilho por onde possa seguir?
Portanto, aos seus questionamentos
Oferece-lhes apenas o silêncio:

Silêncio e um dedo apontando o caminho.

Poema Zen

&&&

Doente de viagem,
Meus sonhos vagueiam
Pelo campo seco.

Bashô

&&&

Dois monges dirigiam-se
Por caminho enlameado
Para o mosteiro.
A chuva caía pesadamente
Rolando pelas encostas do céu.
Perto de um rio de águas caudalosas
Avistaram uma jovem de beleza inigualável.
Não se aventurava a atravessar o rio
Que parecia enfurecido.
Um dos monges pegou-lhe ao colo
E atravessou-o.
O outro, no trajecto restante
Instava-o:
- Como pudeste quebrar a Santa Regra?
Não sentiste tu na carne
A volúpia, o desejo
Que nos aniquila e destroça?
O outro monge quedava-se calado,
Mas a tanta insistência disse:

- Eu deixei-a na outra margem
Há muito tempo atrás.
Porque é que tu ainda a carregas?

História Zen

&&&

O gelo é amargo
Para o rato que no esgoto
Alivia a sua sede.

Bashô

&&&

Mubarak estava em Meca. Numa noite sonhou que dois anjos conversavam entre si:

- Quantos peregrinos tivemos este ano? – perguntou um.
- Um milhão – respondeu o outro.
- De quantos foi a peregrinação aceita?
- De nenhum deles, mas existe na cidade de Damasco um pobre sapateiro de nome Mufiq, que não esteve em Meca e a quem foi concedida a graça do milhão que esteve.

Despertando, Mubarak, determinou-se a deslocar-se a Damasco para conhecer o homem e os motivos de tal graça.

Encontrando-o, narrou-lhe o sonho, ao que o sapateiro lhe disse com as lágrimas nos olhos:

- Durante trinta anos, com muito esforço e muitas dificuldades, poupei algumas centenas de moedas para fazer a peregrinação.

No entanto, descobri que meus vizinhos e seus pequenos e indefesos filhos passavam fome.

Entreguei-lhes as moedas e disse-lhes: “Tomai, esta é a minha peregrinação”.

História Sufi

&&&

Jardim no Inverno –
Um gato sem dono,
Defecando.

Shiki

&&&

Naquele momento, os discípulos aproximaram-se de Jesus e perguntaram-lhe:

«Quem é o maior no reino dos Céus?»

Ele chamou um menino, colocou-o no meio deles e disse:

«Em verdade vos digo: se não voltardes a ser como as criancinhas, não podereis entrar no reino dos céus. Quem, pois, se fizer humilde como este menino, será o maior no reino dos Céus.»

Mt. 18, 1-4

&&&

Anoitece no mar –
Os gritos dos patos selvagens,
Vagamente brancos.

Bashô

&&&

Dois monges lavavam-se no rio
Quando um escorpião aí caiu
Prestes a afogar-se.
Um deles pegou no animal
Com intuito de o salvar,
E picado foi antes de o firmar na margem.
Passados alguns minutos
Debatia-se de novo o escorpião
Nas águas serenas.
De novo o retirou
E de novo o bicho o picou.
O outro monge, sem querer acreditar
Em tanto descuido, disse:
- Não enxergas tu que é da sua natureza
Agir com fúria, agredindo sem motivo?
Não cuidas que te pode ser letal?
Porquê essa insistência?
- Se a sua natureza o conduz à agressão,
A minha é de agir com compaixão.

História Zen

&&&

Soprando o vento do Oeste,
Juntam-se a Leste
As folhas caídas.

Buson

&&&

O amante de uma bela jovem dirigiu-se a sua casa.
Bateu à porta.
De dentro, aquela perguntou:
“Quem é?”
“Sou eu”, respondeu o enamorado.
A jovem disse:
“Aqui não há lugar para mim e para ti, vai-te embora.”
O jovem afastou-se.
Durante um penoso ano meditou.
Retornando da floresta, bateu à porta.
“Quem está aí?”
O jovem respondeu:
“És tu!”
E aí, a porta abriu-se.

História Hindu

&&&

Cem anos de idade –
A paisagem das folhas
Caídas no jardim.

Bashô

&&&

Um homem possuidor de imensa riqueza
Pedi ao Mestre que escrevesse
Algo pela prosperidade da família,
Geração após geração.
Este escreveu:
“Pai morre, filho morre, neto morre.”
O homem rico indignou-se:
“Que brincadeira é a tua?!”
Não foi isto que pedi,
Não posso aceitar tamanho disparate.”
- Não é brincadeira – respondeu o Mestre –.
Qual o maior sofrimento do ser humano?
Que um filho lhe não sobreviva.
Se todos falecerem segundo a ordem natural da vida
Essa é a verdadeira riqueza.

História Zen

&&&

Neste Outono,
Como estou ficando velho!

Pássaros nas nuvens.

Bashô

&&&

Um general japonês decidiu-se a atacar o inimigo não obstante contasse este dez vezes mais soldados, bem equipados e treinados.

Um para dez, tarefa aparentemente impossível.

Os soldados estavam apreensivos e apavorados.

Enquanto deslocava as tropas para o campo de batalha parou num templo Shintó, dizendo:

- Vou entrar para orar. Quando sair arremessarei esta moeda ao ar. Se sair “cara”, venceremos. Se sair “coroa”, seremos derrotados.

Decorridos alguns minutos surgiu na frente dos homens perfilados e arremessou a moeda ao ar. Segurou-a na queda e exibiu a “cara”.

Os soldados modificaram o semblante, instalando-se a confiança e o desejo súbito de combater.

A batalha foi cruel e os homens de Nobunaga venceram pela coragem e determinação.

Quando findou, disse-lhe o seu lugar-tenente:

- Grande Nobunaga, ninguém muda a mão do destino.

- Tens razão.

E dito isto, exibiu uma moeda com duas “caras” impressas.

História Zen

&&&

Por este caminho,
Ninguém mais passa –

Tarde de Outono.

Bashô

&&&

CÂNTICO ESPIRITUAL
CANÇÕES ENTRE A ALMA E O ESPOSO

Esposa

Onde é que tu, Amado,
Te escondeste deixando-me em gemido?
Fugiste como o veado,
Havendo-me ferido;
Clamando eu fui por ti; tinhas partido!

Pastores que passardes
Lá por entre as malhadas ao Cabeço,
Se porventura achardes
Aquele que estremeço,
Que adoeço, lhe dissei, peno e feneço.

Buscando meus amores
Irei por esses montes e ribeiras,
Nem colherei as flores,
Nem temerei as feras
E passarei os fortes e fronteiras.

Pergunta às criaturas

Ó bosques e espessuras
Plantados pela mão do meu Amado,
Ó prado de verduras,
De flores esmaltado,
Dizei-me, se por vós terá passado?

Resposta das criaturas

Mil graças derramando
Prestes passou dos sotos pela espessura
E enquanto os ia olhando,
Só com sua figura
Vestidos os deixou de formosura.

Esposa

Ah! Quem poderá sarar-me?
Acaba de entregar-te sem rodeio;
Não queiras enviar-me
Mensageiro entremeio,
Que não sabem dizer-me o que eu anseio.

E todos quantos vagam
De Ti me vão mil graças relatando,
Mas todos mais me chagam
E mais me vai matando
Um não sei quê que ficam balbuciando.

Mas como perseveras,
Ó vida, não vivendo aonde deves,
Matando-te deveras
As setas que recebes
Daquilo que do Amado em ti concebes?

Porquê, tendo chagado
Meu pobre coração, o não saraste?
Depois de o ter roubado,
Porque assim o deixaste
E não tomas o roubo que roubaste?

Apaga-me a tristeza,
Que mais ninguém me pode aqui valer;
E veja tua beleza
Que é luz dos olhos meus
E para ela só os quero ter.

Mostra tua presença
Mate-me a tua vista e formosura;

Olha que esta doença
De amor, já não se cura,
Senão com a presença e com a figura.

Ó fonte cristalina,
Se eu, nesses teus semblantes prateados,
Visse, ó fonte divina,
Os olhos desejados
Que trago nas entranhas esboçados!...

Aparta-os, Amado,
Que o voo levanto.

Esposo

Volve já, ó pomba
Que o cervo vulnerado
Por sobre o outeiro assoma
Ao ar desse teu voo, e o fresco toma.

Esposa

Meu Amado, as montanhas,
Os vales solitários, nemorosos,
As insulas estranhas,
Os rios rumorosos
O sibilo dos ares amorosos;

A noite sossegada
Tocando já com o surgir da aurora,
A música calada,
A solidão sonora,
A ceia que recreia e enamora...

Caçai-nos as raposas,
Que a nossa vinha já se encontra em flor,
E tantas são as rosas,
Que em pinha as vamos pôr;
No cimo ninguém surja, por favor.

Detém-te bóreas morto,
Vem austro, que recordas os amores,
Aspira por meu horto,

E corram teus olores
E o Amado pascerá por entre as flores.

Ó ninfas da Judeia,
Enquanto nos rosais e dentre as flores
O âmbar nos recreia,
Morai nos arredores
Nem cheguem aos umbrais vossos rumores.

Esconde-te, meu Bem,
E volta a tua face para as montanhas;
Sem o saber ninguém,
E olha para as companhas
Da que por ilhas anda, as mais estranhas.

A vós, aves ligeiras,
Leões, cervos e gamos saltadores,
Montes, vales, ribeiras,
Águas, ares, ardores,
Mais os medos das noites, veladores.

Pelas amenas liras
E canto de sereias vos conjuro,
Que cessem vossas iras
E não toqueis no muro,
Para que a Esposa durma mais seguro.

E já entrou a Esposa
Para dentro do horto ameno desejado
E a seu sabor repousa
O colo reclinado
Sobre os braços dulcíssimos do Amado.

Sob a árvore de Adão
Ali comigo foste desposada,
Ali te dei a mão
E foste resgatada
Lá onde tua mãe fora violada.

Nosso leito florido
De covas de leões entrelaçado,
Em púrpura estendido,
De paz edificado,

De mil escudos de oiro coroado...

Discorrem as donzelas,
Sobre as tuas pegadas, no caminho;
Ao toque das centelhas
E ao temperado vinho,
Dão-te aromas de bálsamo divino.

Bebi do meu Amado
Na adega interior; quando saía
Por todo aquele prado
Já nada conhecia
E o rebanho deixei que antes seguia.

Ali me deu seu peito
E ciência me ensinou muito saborosa,
E a Ele, dom perfeito
De mim, Lhe fiz gostosa
E ali lhe prometi ser sua esposa.

De alma me consagrei
Ao seu serviço e todo o meu haver;
E já não guardo a grei,
Nem tenho outro mister:
Pois já somente amar é meu viver.

Se pois, no eido entretida
Não mais eu já for vista nem achada,
Direis que estou perdida,
Que andando enamorada
Perdidiça me fiz, e estou lucrada.

De flores e esmeraldas
Pela frescura das manhãs colhidas
Faremos as grinaldas
Em teu amor floridas
E num cabelo meu entretecidas.

Aquele só cabelo,
Que em meu colo voar tu advertiste,
Viste em meu colo, e, ao vê-lo,
Preso nele Te viste
E num só dos meus olhos te feriste.

E quando tu me olhavas,
Sua graça em mim teus olhos imprimiam:
Por isso mais me amavas
E nisso mereciam
Meus olhos adorar o que em Ti viam.

Não queiras desprezar-me,
Que se morena cor em mim achaste,
Já bem podes olhar-me,
Depois que Tu me olhaste,
Pois graça e formosura em mim deixaste.

A cândida pombinha
À arca com o ramo regressou
E já a rolazinha
Ao sócio que esperou
Junto às ribeiras verdes encontrou.

Em solidão vivia,
Seu ninho em solidão pôs escondido,
Na solidão a guia
A sós o seu Querido,
Também, na solidão, de amor ferido.

Gozemo-nos , Esposo,
Vamo-nos ver em tua formosura
Ao monte e cerro umbroso
Donde mana a água pura:
Entremos mais adentro na espessura.

E logo às mais erguidas
Cavernas do rochedo subiremos,
Que estão bem escondidas;
Ali logo entraremos
E o mosto das romãs saborearemos.

Ali me mostrarias
Aquilo que minha alma pretendia,
E logo me darias,
Ó vida e alegria,
Aquilo que me deste noutro dia:

Da brisa o aspirar,
Da doce filomela a voz amena,
O souto de encantar,
Pela noite serena,
Com chama que consuma e não dá pena.

Ninguém isto alcançava
E nem Aminadab aparecia
E o cerco sossegava
E à vista descendia,
Das claras águas, a cavalaria.

São João da Cruz

&&&

Lua cheia!
Por mais que caminhe,
O céu é de outro lugar.

Chiyo-jo

&&&

Um guerreiro reconhecido pela sua valentia em combate
Deslocou-se à presença de Hakuin, perguntando:
“Existe um paraíso e um inferno?
Se existem, diz-me Hakuin, onde estão?”
“Quem és tu?”, perguntou Hakuin.
“Sou Nobushige, um samurai.”
“Tu um guerreiro?!”, disse sorrindo.

“Um samurai que mais parece um miserável mendigo.
Quem será o louco que ousaria usar os teus serviços?”
O guerreiro encolerizou-se e fez menção de usar a espada.
Hakuin não se intimidou.
“Tens então uma espada.
Provavelmente é uma arma cega nas mãos de um inábil.”
O samurai não se conteve mais.
Desembainhou-a num ápice avançando para Hakuin
Gritando de raiva e com firme intenção de matar.
Antes que o pudesse fazer, Hakuin exclamou:
“Abriram-se os portais do Inferno.”
O samurai deteve-se, a expressão mudou
Inclinando-se reverencialmente à sabedoria de Hakuin.
E este disse suavemente:
“Agora abriram-se os portais do paraíso.”

História Zen

&&&

Num galho seco,
Um corvo pousado.
Tarde de Outono.

Bashô

&&&

Houve em tempos um sultão que perguntou ao santo Bohlul (o Louco):
“Quando é que o teu pensamento se dirige para mim? Quando é que pensas em mim?”

Bohlul respondeu:
“Quando me esqueço de Alá, lembro-me de ti.”

História Sufi

&&&

Ao deixar o portão
Do templo zen,
Uma noite estrelada!

Shiki

&&&

Um estudante Zen
Não se cansava de visitar Mestres.
Na presença de Dokuon
Exibindo os seus conhecimentos, disse:
- A mente, Buda, e os seres sensíveis,
além de tudo, não existem.
A verdadeira natureza dos fenómenos é vazia.
Não há realização, nem sábio,
nem mediocridade.
Não há dar e
tão pouco nada a receber,
apenas ilusão e sonho.
Dokuon fumava
e ficou mudo, nenhum comentário fez.
Nisto, arremessou à cabeça do jovem
o cachimbo de cana de bambu.

Irritado começou a injuriar o velho Mestre,
Que com doçura o questionou:
- Se nada existe donde vem essa raiva?

História Zen

&&&

Mar agitado –
Estende-se até à ilha de Sado
A via-láctea.

Bashô

&&&

Em tempos remotos, na China
viveram dois amigos.
Um era perito em tocar harpa.
O outro perito em ouvir.
Quando o músico tocava
invocando nas notas uma montanha,
o ouvinte dizia:
“Consigo ver a montanha com as suas fragas.”
Quando ao tocar invocava a água,
exclamava o ouvinte:
“Vejo o rio a correr na direcção do mar!”
O que ouvia adoeceu e morreu.
O que tocava cortou as cordas da harpa
e não mais voltou a tocar.
A partir desse momento,

cortar as cordas de uma harpa
é sinal da mais pura das amizades.

História Zen

&&&

No rabo do cavalo
Também há natureza búdica?
Vento de Outono.

Shiki

&&&

Mestre Tokuan agonizava no leito de morte.
O dia despedia-se do Sol que descia levemente no horizonte.
Um discípulo abeirou-se e questionou-o de mansinho
quanto ao seu testamento.
- Não tenho testamento – disse.
O discípulo insistiu:
- Nada para dizer Senhor?
- A vida é apenas um sonho. – respondeu.
Nisto, expirou.

História Zen

&&&

De espantalho
Para espantalho,
Voam os pardais.

Sazanami

&&&

Shiblí narra que visitou Nuri e o viu sentado, em meditação profunda, sem que a mais ínfima parte do seu corpo se movimentasse.

Perguntou-lhe:

- Que maravilhoso método de meditação é esse? Quem to ensinou?
- Um gato prostrado em frente da toca de um rato”, respondeu, “e podes estar certo, de que a sua imobilidade era muito superior à minha.”

História Sufi

&&&

No orvalho branco
Encontrarás o caminho
Da Terra Pura!

Issa

&&&

CANÇÕES QUE FAZ A ALMA NA ÍNTIMA UNIÃO COM DEUS

Ó chama de amor viva!
Que ternamente feres
Da minha alma no centro mais profundo!
Pois já não és esquiva,
Acaba já, se queres;
Rompe a teia de encontro tão jucundo.

Ó cautério suave!
Ó saborosa chaga!
Ó branda mão! Ó toque delicado
Que a vida eterna sabe,
E quanto deve paga!
Matando, morte em vida tens trocado.

Ó lâmpadas brilhantes!
Em cujos resplendores
As profundas cavernas do sentido,
Escuro e cego, dantes,
Com estranhos primores
Calor e luz dão junto ao seu Querido!

Que manso e que amoroso
Acordas em meu seio
Onde tu só secretamente moras:
Nesse aspirar gozoso
De bem e glória cheio
Quão delicadamente me enamoras!

São João da Cruz

&&&

Venerável
É quem não se ilumina
Ao ver o relâmpago!

Bashô

&&&

Chuang Tzu e um velho amigo
caminhavam juntos na margem de um rio
apreciando o movimento das águas
e os esporádicos saltos de alguns peixes
confundindo os reflexos dos raios crepusculares.
- Veja – disse Chuang –, os peixes nadam
alegremente contra a corrente.
Estão obviamente felizes e alegres.
- Mas o senhor não é um peixe.
Como é que pode conhecer a sua felicidade?
- E o senhor não é Chuang Tzu
para saber que Chuang Tzu
sabe ou não que os peixes
estão alegres e felizes.

Histórias Zen

&&&

O velho cão,
Na visita ao cemitério,
Segue à frente.

Issa

&&&

Um homem sábio disse a um caluniador:
“Nunca calunies ninguém de forma a que eu oiça, para que não pense mal de ti. Não te esqueças de que se a tua dignidade sai diminuída, a tua honra não irá aumentar como consequência disso.”

História Sufi

&&&

A flor
Da beira da estrada
Foi comida pelo cavalo.

Bashô

&&&

Choitchi era um Mestre Zen
Com apenas um olho,
Mas que emanava iluminação.
Ensinava no templo de Tofucu.
De dia o templo estava em silêncio.
Há noite o mesmo silêncio.
Não se ouvia um único som,
Nem mesmo o da recitação dos sutras;
Meditava-se tão somente.
No dia em que Choitchi
Abdicou do mundo dos vivos
Uma velha senhora ouviu os sinos tocar
E os sutras a serem recitados.
Soube-se de imediato
Que Coitchi, o iluminado,
Nos abandonara.

História Zen

&&&

Noite na cabana –
Um grilo na prateleira
Procura por algo.

Issa

&&&

Bassui escreveu a um dos seus discípulos
que jazia moribundo no leito:

“A essência da tua mente não é nascida,
assim nunca morrerá.
Não é uma existência,
pelo que não é perecível.
Não é um vazio,
o qual é mero vácuo.
Não tem cor nem forma.
Não desfruta prazeres,
não sofre dores.
Sei que estás muito doente.
Como bom praticante Zen
encara firmemente a doença.
Podes não saber com exactidão quem sofre,
mas pergunta a ti mesmo:
Qual é a essência desta mente?
Pensa apenas nisto,
de mais nada necessitarás.
Nada ambiciones ou desejos.
O teu findar é infinito,
é como um floco de neve
dissolvendo-se na ar puro.”

História Zen

&&&

Saio para a varanda
Para fugir da mulher e filhos.
Que calor!

Buson

&&&

Quando criança, eu era muito piedoso, extraordinariamente fiel às minhas orações.

Uma noite, velava com o meu pai e outras pessoas, tendo na mão o Alcorão.

A maior parte dessas pessoas começaram a dormir e alguma ressonavam de modo incomodativo.

Disse então a meu pai:

- Estão todos a dormir, já ninguém reza e parecem mortos.

O meu pai respondeu:

- Meu filho, prefiro mil vezes ver-te a ti também a dormir do que ouvir-te recriminar os outros.

Sa'di de Shiraz

&&&

Cúmulos-nimbos

Atravessando os céus

Sobre o rio sem água.

Shiki

&&&

Passei quase uma vida a julgar homens, pela sua lei.

E a cada julgamento, em cada punição, lembrava o texto evangélico da “mulher adúltera”, angustiando-me.

“Jesus foi para o monte das Oliveiras. De madrugada, apareceu outra vez no templo, e todo o povo ia ter com Ele. Sentou-Se, então e pôs-se a instruí-los.

Entretanto, os escribas e os fariseus trouxeram-lhe uma mulher, apanhada em adultério e, depois de a colocarem no meio, disseram-Lhe:

«Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. Ora Moisés, na Lei, mandou-nos apedrejar tais mulheres. E tu que dizes?»

Jesus, inclinando-Se, pôs-Se a escrever no chão com o dedo. Como persistissem em interrogá-lo, ergueu-Se e disse-lhes:

«Quem de vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lançar-lhe uma pedra!». E inclinando-Se novamente, recomeçou a escrever no chão.

Eles, porém, quando isto ouviram, foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos, e ficou só Jesus com a mulher, que continuava ali no meio.

Jesus ergueu-Se e disse-Lhe:

«Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?»

Ela respondeu:

«Ninguém, Senhor».

«Nem Eu te condeno. Vai e doravante não tornes a pecar».

Jo 8, 1-11

Somos todos potenciais “perversos polimorfos”.

Freud

A diferença entre nós e os criminosos está mais no que fazemos do que no que somos. Sob algumas circunstâncias, todos os comportamentos são possíveis.

Anthony de Mello

&&&

Chuva de Verão.
Os pingos batem
Nas cabeças das carpas.

Shiki

&&&

Um santo hindu na sua peregrinação pela Índia aproximou-se de uma aldeia e sentindo-se exausto deitou-se à sombra de uma árvore.

Nisto, surgiu um dos habitantes da lugarejo, visivelmente excitado, que o acordou dizendo:

“Desculpa interromper o teu sono, mas peço-te que me dêes a pedra que tens.”

“Qual pedra?” – perguntou-lhe o santo homem ainda estremunhado.

“A pedra que encontraste. Ontem à noite, Shiva em sonhos, disse-me que se viesse a este lugar encontraria um homem que me ofereceria uma pedra preciosa, cujo tamanho e valor me tornariam num dos mais ricos da região.”

O santo retirou da sua sacola uma pedra de consideráveis proporções, em bruto, e mostrou-a ao aldeão.

“É esta pedra a que te referes?” – perguntou. “Encontrei-a ontem por mero acaso numa vereda.”

“É essa, é essa! Meu Deus, que beleza, fantástico.”

“Ofereço-ta. Sê feliz.”

O aldeão olhava para o diamante estarecido. Nunca se vira nada assim. Agarrou-a com as duas mãos, agradeceu mil vezes ao santo, e partiu na direção da aldeia, pleno de júbilo.

Durante a noite, tal era a sua excitação, não conseguia dormir. Já passava da meia-noite, quando impaciente se levantou e foi ter com o santo, voltando a acordá-lo.

“Que queres tu agora?”.

“Quero que me dêes o que te permitiu desfazer sem mais de uma pedra tão valiosa.” – disse.

História Hindu

&&&

Refresca um pouco
Pôr os pés na parede
Durante a sesta.

Bashô

&&&

Um lojista tinha um jovem aprendiz, que por defeito de visão via todas as coisas a dobrar.

Certo dia, ordenou-lhe que fosse ao armazém e trouxesse um garrafão de azeite da prateleira dos fundos.

O jovem foi, para logo de seguida retornar, questionando-o:

“Existem dois patrão, qual deles trago?”

Este, enfadado do constante defeito, respondeu:

“Parte um e traz o outro.”

Cumprindo o que lhe havia sido ordenado, voltou de mãos vazias.

História Sufi

&&&

Mesmo em Quioto,
Saudade de Quioto –
O canto do cuco...

Bashô

&&&

Tende confiança, não no mestre, mas no ensinamento.

Tende confiança, não no ensinamento, mas no espírito das palavras.

Tende confiança, não na teoria, mas na experiência.

Não creiais em algo simplesmente porque ouviste.

Não creiais nas tradições, simplesmente porque foram mantidas de geração em geração.

Não creiais em algo, simplesmente porque foi falado e comentado por muitos.

Não creiais em algo, simplesmente porque está escrito em livros sagrados.

Não creiais no que imaginais, pensando que um Deus vos inspirou.

Não creiais em algo, meramente baseado na autoridade de mestres e anciãos.

Mas, após contemplação e reflexão, quando vos aperceberdes que algo é conforme ao que é razoável e leva ao que é bom e benéfico, tanto para vós quanto para os outros, então deveis aceitá-lo e deveis fazer disso a base da vossa vida.

Kalama Sutra

&&&

Salta uma truta –

Movem-se as nuvens

No fundo do rio.

Onitsura

&&&

As leis são como as teias de aranha que apanham pequenos insectos e são destruídas pelos grandes.

Sólon

&&&

Quietude –
O canto das cigarras
Penetra nas rochas.

Bashô

&&&

COPLAS DA ALMA QUE PENA POR NÃO VER A DEUS

Vivo sem viver em mim
E de tal maneira espero
Que morro porque não morro

Em mim eu não vivo já,

E sem deus viver não posso;
Pois sem ele e sem mim quedo,
Este viver que será?
Mil mortes se me fará,
Pois minha mesma vida espero,
Morrendo porque não morro.

Esta vida que aqui vivo
É privação de viver;
E assim, é contínuo morrer
Até que viva contigo.
Ouve, meu Deus, o que digo,
Que esta vida não a quero
Pois morro porque não morro.

Ausente estando eu de ti,
Que vida poderei ter
Senão morte padecer
A maior que jamais vi?
Pena e dó tenho de mim,
Pois se assim eu persevero,
Morrerei porque não morro.

O peixe que da água sai
Nenhum alívio carece
Que na morte que padece,
Alfim a morte lhe vale.
Que morte haverá que se iguale
Ao meu viver lastimoso
Pois se mais vivo, mais morro?

Quando penso aliviar-me
Vendo-te no Sacramento,
Faz-se em mim mais sentimento
De não poder-te gozar;
Tudo é para mais penar,
Por não ver-te como quero,
E morro porque não morro.

Se me deleito, Senhor,
Com a esperança de ver-te,
Vendo que posso perder-te
Redobra-se em mim a dor;

Vivendo em tanto temor
E esperando como espero,
Morro sim, porque não morro.

Livra-me já desta morte,
Meu Deus, entrega-me a vida;
Não ma tenhas impedida
Por este laço tão forte;
Olha que peno por ver-te,
O meu mal é tão inteiro,
Que morro porque não morro.

Chorarei já minha morte
Lamentarei minha vida,
Enquanto presa e retida
Por meus pecados está.
Oh! Meu Deus! Quando será
Que eu possa dizer deveras:
Vivo já porque não morro?

São João da Cruz

&&&

VIVO SEM VIVER EM MIM

*Vivo sem viver em mim
E tão alta vida espero,
Que morro por não morrer*

Vivo já fora de mim,
Depois que morro de amor,
Porque vivo no Senhor,
Que me quis só para si.
Meu coração lhe ofereci

Pondo nele este dizer:
Que morro por não morrer.

Esta divina prisão
Do amor em que hoje vivo,
Tornou Deus o meu cativo
E livre meu coração.
E causa em mim tal paixão
Deus meu prisioneiro ver,
Que morro por não morrer.

Ai, que longa é esta vida!,
Que duros estes destellos!,
Esta prisão, estes ferros
Em que a alma está metida!
Só esperar a saída
Causa em mim tanto sofrer,
Que morro por não morrer.

Ai, que vida tão amarga,
Sem se gozar o Senhor!,
Porque, se é doce o amor,
Não é a esperança larga.
Tire-me Deus esta carga,
Pesada a mais não poder,
Que morro por não morrer.

Somente com a confiança
Vivo de que hei-de morrer,
Porque, morrendo, o viver
Me assegura minha esperança.
Oh morte que a vida alcança,
Não tardes em me aparecer,
Que morro por não morrer.

Olha que o amor é forte:
Vida, não sejas molesta;
Para ganhar-te só te resta
Perder-te, sem que me importe.
Venha já a doce morte,
Venha já ela a correr,
Que morro por não morrer.

A vida no alto cativa,
Que é a vida verdadeira,
Até que esta não nos queira,
Não se goza estando viva.
Não me sejas, morte, esquiva;
Só pela morte hei-de viver,
Que morro por não morrer.

Como, vida, presenteá-lo,
O meu Deus que vive em mim,
se não perdendo-te a ti,
para melhor poder gozá-lo?
Quero, morrendo, alcançá-lo,
Pois só dele é meu querer:
Que morro por não morrer.

Santa Teresa de Ávila - glosando sobre o mesmo tema que S. João da Cruz

&&&

Nada indica
Que ela vá morrer –
Canta a cigarra.

Bashô

&&&

A Abu Yazid al Bistami foi perguntado:
- Qual é a melhor de todas as coisas para o homem, neste caminho terreno?

- A felicidade congénita – respondeu.
- E se isso lhe falta?
- Um corpo forte.
- E se o não tem?
- Um ouvido atento.
- E se também o não tem?
- Um coração sábio.
- E se dele carecer?
- Olhos que vejam.
- E se também deles carece?
- Uma morte súbita.

História Sufi

&&&

A mãe conta
Enquanto dá de mamar
As picadas de pulga.

Issa

&&&

Um homem perguntou a Nasrudin:

“Faz anos que caço, mas não consigo entender o motivo porque os outros caçadores fecham um dos olhos antes de disparar.”

“Ora, faz o mesmo pobre homem”, respondeu Nasrudin, “se fechares os dois, deixas de ver.”

História Sufi

&&&

Quão glorioso,
Nas folhas verdes, folhas tenras,
O brilho do sol!

Bashô

&&&

Nunca fales sobre o que é bom ou sobre o que é mau, pois concerteza que te enganarás com a aparência do primeiro e tornar-te-ás um inimigo do último.
Quem difama, revela as suas faltas.
Quem difama, mesmo que a difamação seja verídica, peca.

Saadi de Shiraz

&&&

A solidão
De uma estação de comboios –
Flores de lótus.

Shiki

&&&

No mercado em Bagdá, começou um terrível incêndio, que rapidamente se propagou aos prédios contíguos.

Instalou-se o pânico, todos pareciam loucos numa correria desenfreada e sem destino.

Uma idosa, apoiada numa bengala, caminhava na direcção do incêndio.

Disseram-lhe:

- Não continues boa mulher, resigna-te, a tua casa está a arder, como todas as outras. Não sejas louca.

Respondeu:

- Calai-vos. Estais mais loucos do que eu. Alá protegerá a minha humilde casa.

Extinto o incêndio, apenas a residência da idosa estava intacta.

Os que a tinham ouvido, estupefactos, perguntaram-lhe:

- Como sabias com tanta certeza que a tua casa não seria devorada pelas chamas?

- Sinceramente, não vos posso explicar o inexplicável. Apenas sabia que o fogo ou consumiria a minha casa ou o meu coração. Mas, Alá, já queimou na provação o meu coração. Nunca permitiria que o que me resta fosse consumido de igual modo...

História Sufi

&&&

Dia de Primavera –
Os pardais no jardim

Tomam banho de areia.

Onitsura

&&&

O Imperador questionou Mestre Gudo:

“Quando um iluminado morre, qual o seu destino?”

“Como posso eu elucidar-vos sobre tal questão?”

“Vós sois um Mestre, Gudo.”, volveu o Imperador.

“Sim Excelência, talvez seja.

Mas sou um mestre vivo,

Não sou um mestre morto.”

História Zen

&&&

Mostrando no escuro

Toda a tristeza das coisas –

A pesca ao candeio.

Kikusha

&&&

Um habitante do vilarejo acercou-se de um conhecido santo dizendo-lhe:

- Sabes o que ouvi sobre ti?

- Cala-te.

É bem melhor desconhecer o que um inimigo diz de nós.

História Sufi

&&&

Tranquilidade –
O monge da montanha
Espia através da cerca.

Issa

&&&

POEMA DE SANTA TERESA DE ÁVILA *PARA PEDIR PACIÊNCIA
NAS ADVERSIDADES*

Nada te inquiete,
Nada te assuste;
Pois tudo passa,
Deus nunca muda.
A paciência
Alcança tudo.
Quem Deus possui
Nada lhe falta.
Só Deus nos basta.

&&&

Um dia perguntaram a Shiblí:

- Quem é que se evidenciou em primeiro lugar, no teu percurso para o divino?

Respondeu:

“Há muito tempo, vi que um cão estava à beira de um rio de águas mansas e morria de sede. Na superfície da água, espelhava-se a sua própria figura e ele acreditava-se tratar-se de um outro animal. De cada vez que o encarava, fugia.

Por fim, acossado de uma sede mortal, perdeu o conhecimento e conseqüentemente o medo, atirando-se para dentro de água, e desaparecendo de imediato o animal que tanto o assustava.

Desaparecido o outro cão, foi derrubado o obstáculo que o impedia de beber. Esse obstáculo era ele mesmo.

Do mesmo modo, derrubei a barreira que me afrontava, e o meu “eu” foi destruído.

Assim me salvei e o meu primeiro guia no Caminho foi um cão.”

História Sufi

&&&

Vai-se a Primavera!

Lágrimas no olho do peixe.

Choram as aves.

Bashô

&&&

CANTAR DA ALMA QUE GOZA POR CONHECER A DEUS PELA FÉ

*Que bem sei eu a fonte que mana e corre
mesmo de noite.*

Aquela eterna fonte está escondida,
Mas eu bem sei onde tem a sua guarida,
Mesmo de noite.

Sua origem não a sei, pois não a tem,
Mas sei que toda a origem dela vem,
Mesmo de noite.

Sei que não pode haver coisa tão bela,
E que os céus e a terra bebem dela,
Mesmo de noite.

Eu sei que nela o fundo não se pode achar,
E que ninguém pode nela a vau passar,
Mesmo de noite.

Sua claridade nunca é obscurecida,
E sei que toda a luz dela é nascida,
Mesmo de noite.

Sei que tão caudalosas são suas correntes,
Que céus e infernos regam, e as gentes,
Mesmo de noite.

A corrente que desta fonte vem
É forte e poderosa, eu sei-o bem,
Mesmo de noite.

A corrente que destas duas procede,
Sei que nenhuma delas a precede,
Mesmo de noite.

Aquela eterna fonte está escondida
Neste pão vivo para dar-nos vida,
Mesmo de noite.

De lá está chamando as criaturas,
Que nela se saciam às escuras,
Porque é de noite.

Aquela viva fonte que desejo,
Neste pão de vida já a vejo,
Mesmo de noite.

São João da Cruz

&&&

Um campo de trevo –
As rodas da carruagem
Rangem ao luar.

Seifu

&&&

Um noviço perguntou ao Mestre:
“Como posso eu libertar-me
da Roda dos renascimentos e da morte?”
Respondeu o Mestre:
“Quem é que nela te colocou?”

História Zen

&&&

As águas silentes
E a névoa sobre o capim –
Entardece agora.

Buson

&&&

Dois irmãos pobres adquiriram um par de sapatos combinando o seu uso alternado.

O mais novo insistiu em que os usaria sempre durante o dia. O mais velho, permissivo, apesar de visivelmente contrariado, anuiu em utilizá-los à noite.

Passado algum tempo, os sapatos estavam rotos e inutilizáveis.

O mais novo propôs a compra de um novo par.

O mais velho, peremptório, disse:

- Chega. Não quero mais sapatos.

Prefiro dormir à noite.

História Sufi

&&&

Chuva de Primavera –
Uma criança
Ensina o gato a dançar.

Issa

&&&

Um derviche foi a uma loja e pediu que lhe dessem algo, qualquer coisa para satisfazer as suas necessidades básicas.

O lojista disse nada ter para lhe dar.

Shams de Tabriz, perguntou-lhe:

- Porque não deste alguma coisa, por pequena ou insignificante que fosse?

- Não estava destinado por Alá que tal acontecesse.

Volveu Tabriz:

- Alá destinou-o, mas tu não permitiste que acontecesse.

Se porventura pusesse a mão na caixa do dinheiro e esta ta tivesse prendido ou aleijado impossibilitando-te de colher o que pretendias, então poderias afirmar inegavelmente que Alá o não queria.

História Sufi

&&&

Ah, o rouxinol!
De novo ele tenta
E tenta de novo.

Chiyo-jo

&&&

Ao romper do dia,
À conversa com as flores,
Uma mulher só.

Seifu

&&&

O Quinto Patriarca decidiu escolher o seu sucessor
E propôs aos discípulos
Que captassem a essência do Zen num poema.
O autor do melhor poema
Seria de direito, o seu sucessor.

Os monges já pressagiavam o vencedor:
O aluno mais antigo.
Ninguém ousou competir
Com a sua sagacidade, inteligência e destreza.

Aguardaram,
E o poema apareceu numa parede:
“Este corpo é a árvore de Bodhi.
A alma é como um espelho brilhante.
Tem cuidado para que esteja sempre limpo,
Não deixando que o pó se acumule nele.”

Os monges deliciaram-se.

Certamente o Quinto Patriarca
Também se iria deliciar.

Mas, no dia seguinte,
Ao lado deste, estava outro poema:
“Bodhi não é como uma árvore.
O espelho brilhante não brilha em parte alguma:
Se nada há desde o princípio,
Onde se acumula o pó?”

Com espanto se questionaram os monges.
“Quem o teria escrito?”
Descobriram o seu autor,
O humilde cozinheiro do mosteiro.

Foi a ele que o Quinto Patriarca
Ofereceu o seu manto e a sua tigela,
Nomeando-o Sexto Patriarca.

História Zen

&&&

Ah, quanta saudade
De meu pai e minha mãe
Na voz do faisão.

Bashô

&&&

Bodhidharma quando chegou à China
Foi indigitado para comparecer perante o Imperador Wu
Patrono do budismo Mahayana.

Este perguntou-lhe:

- Que mérito encontras nas minhas acções
em favor do Budismo?

- Nenhum, nada – respondeu Bodhidharma.

Com espanto, o Imperador indagou:

- Então, qual é o significado das verdades sagradas?

- O vazio. Não há nada sagrado.

Já denotando irritação e constrangimento

Disse finalmente o Imperador:

- Quem é a pessoa que me encara?

Bodhidharma respondeu:

- Não sei.

História Zen

&&&

O gato ao acordar,
Com um grande bocejo
Vai namorar.

Issa

&&&

Um santo homem que acompanhava alguns religiosos, entrou em Bassorá
num palmeiral de tâmaras.

Um dos religiosos era um comedor compulsivo, distinguindo-se pela gula. De imediato subiu a uma das tamareiras, mas pondo um pé em falso, estatelou-se no solo batendo com a cabeça numa pedra.

Teve morte imediata.

O Governador da cidade, chamado ao local, perguntou:

- Quem matou este homem?

- Tranquiliza-te – respondeu o santo –, caiu de um dos ramos da árvore como consequência do peso do seu estômago.

História Sufi

&&&

Acorda, acorda!
Vem ser minha amiga,
Borboleta que dorme!

Bashô

&&&

Dois homens olhavam uma pequena flâmula que se movia na brisa da tarde.

Um disse: “Vê como o vento se move.”

O outro: “É evidente que não, quem se move é a flâmula.”

Um Mestre Zen ouviu a sua conversa e esclareceu-os:

“Nem o vento se move, nem a flâmula está ondulante. Quem se move é a mente.”

História Zen

&&&

Eis a borboleta –
Atrás, adiante, atrás
Da mulher no caminho.

Chiyo-jo

&&&

ROMANCE SOBRE O EVANGELHO «IN PRINCIPIO ERAT
VERBUM», À CERCA DA SANTÍSSIMA TRINDADE

No princípio morava
O Verbo, e em Deus vivia,
Nele sua felicidade
Infinita possuía.
O mesmo Verbo Deus era,
E o princípio se dizia.
Ele morava no princípio,
E princípio não havia.
Ele era o mesmo princípio;
Por isso dele carecia.
O verbo se chama Filho,
Pois do princípio nascia.
Ele sempre o concebeu,
E sempre o conceberia.
Dá-lhe sempre sua substância
E sempre a conservaria.
E assim, a glória do Filho
É a que no Padre havia;

E toda a glória do Padre
No seu Filho a possuía.
Como amado no amante
Um no outro residia,
E esse amor que os une
No mesmo coincidia
Com o de um e com o de outro
Em igualdade e valia.
Três pessoas e um amado
Entre todos três havia;
E um amor em todas elas
E um só amante as fazia,
E o amante é o amado
Em que cada qual vivia;
Que o ser que os três possuem,
Cada qual o possuía,
E cada qual deles ama
À que este ser recebia.
Este ser é cada uma,
E este só as unia
Num inefável abraço
Que dizer-se não podia.
Pelo qual era infinito
O amor que os unia,
Porque o mesmo amor três têm,
E sua essência se dizia:
Que o amor quanto mais uno,
Tanto mais amor fazia.

Da comunicação das Três Pessoas

E naquele amor imenso
Que de ambos procedia,
Palavras de grande gozo
O Padre ao Filho dizia,
De tão profundo deleite,
Que ninguém as entendia;
Somente o Filho as gozava,
Pois a ele pertencia.
Mas naquilo que se entende
Desta maneira dizia:
- Nada me contenta, Filho,
fora da tua companhia.

E se algo me contenta,
Em ti mesmo o quereria.
O que a ti mais se parece,
A mim mais satisfazia;
E o que em nada te assemelha,
Em mim nada encontraria.
Só de ti eu me agradei
Ó vida da vida minha!
És a luz da minha luz.
És minha sabedoria;
Figura da minha substância,
Em quem bem me comprazia.
Ao que a ti te amar, meu Filho,
A mim mesmo me daria,
E o amor que eu em ti tenho,
Nele mesmo eu o poria,
Por razão de ter amado
Aquele a quem tanto queria.

Da Criação

Uma esposa que te ame,
Meu Filho, dar-te queria,
Que por teu valor mereça
Estar em nossa companhia,
E comer pão numa mesa
Do mesmo que eu comia,
Para que conheça os bens
Que em tal Filho eu possuía.
E se congregate comigo
Por tua graça e louçania.
- Muito te agradeço, Padre,
- O Filho lhe respondia -.
À esposa que me deres,
Minha claridade eu daria,
Para que por ela veja
Quanto meu Padre valia,
E como o ser que possuo
Do seu ser o recebia.
A encostarei ao meu braço,
E em teu amor se abrasaria,
E com eterno deleite
Tua bondade exaltaria.

Prossegue

- Faça-se, pois – disse o Padre -
que o teu amor o merecia.
E neste dito que disse,
O mundo criado havia;
Um palácio para a esposa,
Feito em grande sabedoria;
O qual em dois aposentos,
Alto e baixo dividia.
O baixo que diferenças
Infinitas possuía;
Mas o alto requintava
De admirável pedraria,
Para que conheça a esposa
O Esposo que possuía.
No mais alto colocava
A angélica hierarquia;
Mas a natureza humana
No inferior a poria,
Por ser sua compleição
Algo de menor valia.
E embora o ser e os lugares
Desta sorte os repartia;
Eram todos um só corpo
Da esposa que dizia,
Que o amor dum mesmo Esposo
Uma esposa os fazia.
Os de cima possuíam
O Esposo na alegria,
Os de baixo em esperança
Da fé que lhes infundia,
Dizendo-lhes que a seu tempo
Ele os engrandeceria,
E aquela sua baixeza
Ele lha levantaria,
De maneira que ninguém
Jamais a insultaria;
Porque em tudo semelhante
Ele a eles se faria
E viria ter com eles,
E com eles moraria;

E que Deus seria homem,
E que o homem Deus seria,
E trataria com eles,
Comeria e beberia;
E para sempre com eles
O mesmo se ficaria
Até que se consumasse
Este tempo que corria,
E que juntos se gozassem
Em eterna melodia;
Porque ele era a cabeça
Da esposa que possuía,
À qual todos os membros
Dos justos ajuntaria,
Porque são corpo da esposa,
A quem ele tomaria
Em seus braços ternamente,
E ali seu amor lhe daria;
E que assim juntos num só
Ao Padre a levaria,
Donde do mesmo deleite
Que Deus goza, gozaria;
Que, como o Padre e o Filho
E o que deles procedia
Como um vive no outro,
Assim a esposa seria,
Que dentro de Deus absorta,
Vida de Deus viveria.

Prossegue

Com esta bendita esperança
Que de cima lhes viria,
O peso dos seus trabalhos
Mais leve se lhes fazia;
Mas a prolongada espera
E o desejo que crescia
De gozar-se com o Esposo
De contínuo os afligia.
Por isso com orações,
Com suspiros e agonia,
Com lágrimas e com gemidos
Lhe rogavam noite e dia

Que já se determinasse
A fazer-lhes companhia.
Uns diziam: Oh! Se fosse
No meu tempo essa alegria!;
Outros: Acaba, Senhor,
Ao que hás-de enviar, envia;
Outros: Oh! Se já rompesses
Esses céus, eu já veria
Com meus olhos que descesses,
E meu pranto cessaria!
Regai, ó nuvens do alto,
Porque a terra to pedia,
E abra-se já a terra
Que espinhos nos produzia,
E produz aquela flor
Com que ele floresceria.
Outros diziam: Oh! Ditoso
Quem em tal tempo vivia,
Que mereça ver a Deus
Com os olhos que possuía,
Tratá-lo com suas mãos,
Estar em sua companhia,
E disfrutar os mistérios
Que ele então ordenaria!

Prossegue

Em estes e outros rogos
Muito tempo passaria;
Porém nos últimos anos
O fervor muito crescia,
Quando o velho Simeão
Em desejos se acendia,
Rogando a Deus que quisesse
Deixá-lo ver esse dia.
E assim o Espírito Santo
Ao bom velho respondia
Dando-lhe sua palavra
De que a morte não veria
Até que chegasse a vida
Que do alto desceria,
E que ele em suas mãos
Ao mesmo Deus tomaria,

E o teria nos seus braços
E consigo o abraçaria.

Prossegue a encarnação

Já que o tempo era chegado
Em que fazer-se devia
O resgate da esposa
Que em duro jugo servia,
Debaixo daquela lei
Que Moisés dado lhe havia,
O Padre com amor terno
Desta maneira dizia:
- Já vês, Filho, que tua esposa
à tua imagem feito havia,
e no que a ti se parece
contigo coincidia;
mas é diferente na carne,
que em teu simples ser não havia.
Pois nos amores perfeitos
Esta lei se requeria,
Que se torne semelhante
O amante a quem queria,
Porque a maior semelhança
Mais deleite caberia;
O qual, por certo, em tua esposa
Grandemente cresceria
Se te visse semelhante
Na carne que possuía.
- Minha vontade é a tua
- O Filho lhe respondia -
e a glória que eu tenho
é a tua vontade ser minha;
e a mim me agrada, Padre,
o que tua Alteza dizia,
porque por esta maneira
tua bondade se veria;
ver-se-á teu grande poder,
justiça e sabedoria;
irei a dizê-lo ao mundo
e notícia lhe daria
de tua beleza e doçura,
de tua soberania.

Irei buscar minha esposa
E sobre mim tomaria
Suas fadigas e dores
Em que tanto padecia;
E para que tenha vida,
Eu por ela morreria,
E tirando-a das profundas,
A ti a devolveria.

Prossegue

Então chamou um arcanjo
Que São Gabriel se dizia,
Enviou-o a uma donzela
Que se chamava Maria,
De cujo consentimento
O mistério dependia;
Na qual a santa Trindade
De carne ao Verbo vestia;
E embora dos três a obra
Somente num se fazia;
Ficou o Verbo encarnado
Nas entranhas de Maria.
E o que então só tinha Padre
Já Madre também teria,
Embora não como outra
Que de varão concebia,
Porque das entranhas dela
Sua carne recebia;
Pelo qual Filho de Deus
E do Homem se dizia.

Do Nascimento

Quando foi chegado o tempo
Em que de nascer havia,
Assim como o desposado,
Do seu tálamo saía
Abraçado a sua esposa,
Que em seus braços a trazia;
Ao qual a bendita Madre
Em um presépio poria
Entre pobres animais

Que então por ali havia.
Os homens davam cantares,
Os anjos a melodia,
Festejando o desposório
Que entre aqueles dois havia.
Deus, porém, em o presépio
Ali chorava e gemia;
Eram jóias que a esposa
Ao desposório trazia;
E a Madre se assombrava
Da troca que ali se via:
O pranto do homem em Deus,
E no homem a alegria;
Coisas que num e no outro
Tão diferentes ser soía.

Finis

São João da Cruz

&&&

Numa aldeia chinesa vivia um velho sábio que era dono de um macho, o único da aldeia, com que lavrava os seus campos de arroz e ainda os dos outros habitantes. Nesta perspectiva e no meio de toda a pobreza, era considerado por tal facto um homem abastado.

Certo dia, o macho fugiu para as montanhas. Perante tal acontecimento, toda a aldeia se solidarizou com o velho dono do animal.

Diziam-lhe os amigos e conhecidos:

- Que azar o teu, a tua vida vai passar a ser agora tão desgraçada quanto a nossa.

No entanto, o velho sábio, limitou-se a responder:

- Sorte ou azar, quem é que o dirá?!

Passaram-se alguns meses, e o macho voltou das montanhas trazendo consigo uma manada de cavalos selvagens, que logo o velho e o filho trataram de encurralar.

Desta vez, os aldeões diziam-lhe:

- Que sorte a tua, vais ficar riquíssimo, muito mais rico que antes.

E o velho sábio, limitou-se a dizer:

- Sorte ou azar, quem é que o dirá?!

Começou então, o filho a domar os animais. Enquanto montava um deles, o mais obstinado, foi arremessado da montada e fracturou as pernas em várias partes, tendo ficado irremediavelmente inválido.

Agora, os amigos diziam:

- Que azar o teu, o teu filho nunca mais vai voltar a ser o que era.

Voltou o velho a responder:

- Sorte ou azar, quem é que o dirá?!

Decorrido que foi um ano, o Japão declarou guerra à China e todos os mancebos da aldeia foram alistados, à excepção do filho aleijado do velho sábio, acabando por morrer a maior parte deles em combate.

Sorte ou azar, quem é que o dirá?!

História Taoísta

&&&

Uma cai...

E duas caem a seguir –

Camélias!

Shiki

&&&

O monge questionou o Mestre:

“Poderá um cipreste possuir ou vir a possuir a natureza de Buda?”

“Claro que sim, meu jovem.”

“Quando é que achais que o cipreste se tornará um Buda?”

Respondeu o Mestre:

“No dia em que o céu caia.”

O monge, com espanto e um tanto confuso, volveu:

“Mestre, quando é que o céu irá cair?”

“Quando o cipreste se tornar um Buda...”, respondeu sorrindo.

História Zen

&&&

Que fresca me sinto
Ao deitar minha cabeça
Sobre o chão de mármore.

Sonome

&&&

Os religiosos que conheço, são na sua maior parte, submarinos. Deslocam-se submersos, e surgem à superfície nas aflições.

“Este povo honra-Me com os lábios, mas o seu coração está longe de Mim. É vão o culto que Me presta, ensinando doutrinas que são preceitos humanos.”

Isaiás

&&&

O som de um rato
Andando sobre o prato –
Que frio!

Buson

&&&

Uma pequena gota de água da chuva caiu de uma nuvem, no mar azul e extenso.
Confusa, sentindo-se ínfima, insignificante, questionou-se:
“Quem é o mar e quem sou eu?
Onde está o mar
E onde estou eu?
Comparando-me com ele
Certamente que não existo.”
Enquanto reflectia, uma ostra tomou-a no regaço
Transformando-a na pérola
Mais bela e admirada.

História Sufi

&&&

Primeira chuva de Inverno –
O macaco também quer
Uma capinha de palha.

Bashô

&&&

Um pobre sem abrigo, dizia:

- De todos os homens, quem sofre como eu, quem vive nesta angústia?

Um burro que passava, respondeu-lhe:

- Insensato, porque te lamentas tu?

Desaparece e agradece a Alá, que embora asno não montes, não és burro em cima do qual outros homens montem ou deponham pesados fardos.

História Sufi

&&&

Nada se move

No campo ou nas montanhas –

Manhã de neve.

Chiyo-jo

&&&

Um homem foi visitar Bâyezid al-Bistami, com um terço islâmico, que manuseava negligentemente.

- Vais necessitar de dois – disse-lhe –.

Com o primeiro contarás as tuas más acções, enquanto que com o segundo, as boas.

História Sufi

&&&

Na tarde de neve
Passa desaparecendo
Um só guarda-chuva.

Yaha

&&&

Certo dia, um grande Mestre questionou um outro:

“Há algo, alguma verdade, que um sábio como vós tenha omitido?

Que nem sequer tenha ousado pronunciar?”

“Há”, respondeu.

“Dizei-me então, o que tendes omitido durante a vossa longa e sábia vida.”

Respondeu:

“Não é a Mente, não é Buda e não é a Matéria.”

História Zen

&&&

Floresce a cerejeira
Só para ensinar ao mundo
Seu breve florir.

Sutejo

&&&

Bâyazid terá dito:
“Sempre que a tristeza se apossar do teu coração, guarda-a religiosamente porque é com a *baraka* dessa tristeza que atingirás de modo certo o alvo.”

&&&

Após urinar,
Um buraco perfeito
Na neve do portão!

Issa

&&&

Dois carneiros lutavam exaustos
Em acesa contenda.
Um lobo assistia deliciado e pensava:
“Lutem, lutem até ao desfalecimento,
Que logo sereis minha presa.”

História Sufi

&&&

Apenas um pássaro
Companheiro do caminho
Pelo campo seco.

Senna

&&&

A Luqman, o Sábio, perguntaram:
- De onde vem a tua gentileza,
De quem aprendeste tão doces modos,
Tanta atitude louvável?
Respondeu:
- Dos mal-educados.
Evitei em todos os momentos
Tudo o que neles me parecia reprovável.

História Sufi

&&&

O Buda da roça –
Da ponta do nariz
Um filete de gelo.

Issa

&&&

Há muitos séculos atrás, viviam no deserto, homens dedicados à oração e à contemplação, comportando-se de modo humilde e praticando o silêncio. Chamavam-lhes os padres ou monges do deserto.

Dois deles, Poemen e Agatão, compartilharam durante largos anos a mesma cela sem que em momento algum se tivessem desavindo.

Um dia Poemen disse:

“Porque é que não discutimos, como os outros por vezes fazem?”

Agatão respondeu:

“Não vejo porque é que o não podemos fazer, mas existe um impedimento: não sei como discutir.”

Poemen reflectiu, e após alguns instantes propôs:

“Vês este tijolo? Coloco-o entre nós, e digo: é meu. Tu dirás que é teu, assim se iniciando a discussão. Simples, não?”

Conforme acordado, sentaram-se frente a frente, com o tijolo no meio dos dois.

Um afirmou:

“Este tijolo é meu.”

Respondeu o outro:

“Não, o tijolo é meu, não é teu.”

Volveu o primeiro:

“Certo, é teu, podes ficar com ele.”

História Cristã

&&&

Apontando os dedos,
Crianças fitam a Lua
Em bicos de pés.

Chigetzu

&&&

Certo dia, um homem sábio visitou o Inferno. Havia muita gente sentada em enorme mesa, repleta de iguarias.
Mas, os banqueteados tinham feições deformadas pela fome. Apenas podiam comer com os paus que tinham nas mãos e estes eram tão longos, que se tornava impossível transportar o alimento à boca.
O sábio, deprimido com tal visão, deslocou-se para o Céu. Só que os rostos eram totalmente diferentes; alegria e felicidade pairavam no ar.
No céu, cada comensal, preocupava-se em alimentar o que à sua frente estava sentado.

História Chinesa

&&&

A chama da vela
Imóvel, arredondada –
Reclusão de Inverno.

Yaha

&&&

Um samurai considerando-se despeitado por um Mestre, procurou-o com intenção de o matar.

Disse-lhe este:

“Antes que me mates, concede-me um desejo: corta com a tua espada aguçada um ramo desta árvore.”

O samurai, com rapidez e inusitada destreza cortou um ramo da cerejeira.

Pedi-lhe o Mestre:

“Coloca o ramo de novo na árvore, para que possa florir no seu tempo.”

“Estás louco, velho, isso é impossível.”

“Não, jovem, o louco és tu, que te julgas poderoso por poderes com a tua arma e engenho ferir e matar quem te aprouver. Isso, é pura brincadeira de crianças. Poderoso, verdadeiramente, é o que cria, o que cura.”

História Zen

&&&

OUTRO DO MESMO QUE VAI POR «SUPER FLUMINA
BABYLONIS»

Por sobre aquelas correntes

Que em Babilónia encontrava,
Ali me sentei chorando,
Ali a terra regava,
Recordando-me de ti,
Ó Sião, a quem amava.
Tua lembrança era doce,
E com ela mais chorava.
Deixei os trajos de festa,
Os de trabalho tomava,
Pendurei nos salgueirais
A música que levava,
Colocando-a na esperança
Daquilo que em ti esperava.
Ali me feriu o amor,
E o coração me arrancava.
Disse-lhe que me matasse,
Pois de tal sorte chagava.
Eu me metia em seu fogo,
Sabendo que me abrasava,
Desculpando a mariposa
Que no fogo se acabava.
Estavam-me consumindo,
E só em ti respirava.
Em mim, por ti, eu morria
E por ti ressuscitava;
Porque a lembrança de ti
Dava vida e a tirava.
Finava-me por finar-me
E a vida me matava,
Porque ela perseverando,
De ver-te, a mim, me privava.
Mofavam os estrangeiros
Entre os quais cativo estava.
Pensava como não viam
Que o gozo os enganava.
Pediam-me eles cantares
Dos que em Sião eu cantava:
- Canta de Sião um hino;
para vermos como soava.
- Dizei, como em terra alheia
onde por Sião chorava
cantarei eu a alegria
que eu em Sião disfrutava?;

no olvido a deixaria
se em terra alheia gozava.
Com meu palato se junte
A língua com que falava,
Se de ti eu me olvidar
Na terra onde morava.
Sião, pelos verdes ramos
Que Babilónia me dava
Olvide-me a minha destra,
Coisa que em ti mais amava,
Se de ti não me lembrar
No que mais gosto me dava,
E se eu tivesse festa
E sem ti a festejava.
Oh! Filha de Babilónia,
Mísera e desventurada!
Bem-aventurado era
Aquele em quem confiava,
Que te há-de dar o castigo
Que da tua mão levava;
E juntará os seus filhos
E a mim, que em ti chorava,
À pedra, que era Cristo,
Pelo qual eu te deixava.

Debetur soli gloria vera Deo!

São João da Cruz

&&&

Vishnu decidiu conceder a um devoto três desejos.
Este começou por pedir a morte da esposa para que se casasse com uma
mais nova.
No funeral, familiares, amigos e conhecidos, exaltavam as qualidades da
falecida.

O devoto cai em si; nunca conseguiria encontrar uma esposa como a que havia ignobilmente rejeitado.

Pediu a Vishnu a segunda graça: “Senhor, ressuscita a minha mulher.”

Faltava o terceiro desejo, mas as hesitações sucediam-se.

Vishnu, apiedando-se do pobre devoto, aconselhou-o: “Pede a graça de reconheceres todo o bem e beleza que se encerra nas pessoas e coisas que te rodeiam.”

História Hindu

&&&

Quietude –
O barulho do pássaro
Pisando folhas secas.

Ryûshi

&&&

Um iniciado perguntou ao Mestre Joshu:

“Mestre, o que é o satori?”

“Já terminaste a tua refeição?”, questionou Joshu.

“Terminei.”

“Vai então, lavar as tuas tigelas!”

História Zen

&&&

Algumas pessoas.
Folhas caem também
Aqui e ali.

Issa

&&&

Espalhou-se por toda uma região a existência de um homem santo, vivendo num pequeno casinhoto no alto da montanha.

Um habitante do lugarejo do sopé, curioso, encetou longa e penosa jornada para o ver.

Chegado ao casebre, deparou-se com um homem de aspecto envelhecido, longas barbas brancas e olhos brilhantes.

“Gostaria de ver e conversar um pouco com o homem santo”, disse.

O velho, de aspecto simples, convidou-o a entrar. Percorreram a casa, com o visitante preocupado em divisar o dito santo. A casa, sendo pequena, foi percorrida num ápice e a visita viu-se novamente no exterior. Não se contendo, perguntou:

“Não vi o homem santo. Afinal, diz-me, onde o posso eu encontrar?”

O velho respondeu:

“Já o viste, filho. Tudo o que encontras no caminho da tua curta existência, por muito insignificante que te possa parecer, é santo. Se agires assim, podes estar certo de que sejam quais forem os problemas e dúvidas que hoje carregaste para o cume desta montanha, serão solucionados, terão a sua resposta.”

Não tendo mais nada para dizer, recolheu ao interior da sua acanhada morada.

História Zen

&&&

Penso apenas
Em meu pai e minha mãe –
Tarde de Outono.

Buson

&&&

Um iniciado questionou o Mestre:
“Tudo o que existe terá de findar. Será que para além disso há uma verdade eterna?”
“Sim. Olha para o jardim. Essa verdade é como as flores do campo, que de tão belas parecem brocados de seda pura, como um rio de águas calmas e pacíficas que nos parecem imóveis, mas que fluem com docilidade para o oceano.”

História Zen

&&&

COPLAS DO MESMO SOBRE UM ÊXTASE DE ALTA
CONTEMPLAÇÃO

Entrei aonde não soube

E quedei-me não sabendo
Toda a ciência transcendendo

Eu não soube aonde entrava,
Porém, quando ali me vi,
Sem saber aonde estava,
Grandes coisas entendi;
Não direi o que senti,
Que me quedei não sabendo,
Toda a ciência transcendendo.

De paz e de piedade
Era a ciência perfeita,
Em profunda soledade
Entendida (via recta);
Era coisa tão secreta,
Que fiquei como gemendo,
Toda a ciência transcendendo.

Estava tão embevecido,
Tão absorto e alheado,
Que se quedou meu sentido
De todo o sentir privado,
E o espírito dotado
De um entender não entendendo,
Toda a ciência transcendendo.

O que ali chega deveras
De si mesmo desfalece;
Quanto sabia primeiro
Muito baixo lhe parece,
E seu saber tanto cresce,
Que se queda não sabendo,
Toda a ciência transcendendo.

Quanto mais alto se sobe,
Tanto menos se entendia,
Como a nuvem tenebrosa
Que na noite esclarecia;
Por isso quem a sabia
Fica sempre não sabendo,
Toda a ciência transcendendo.

Este saber não sabendo
É de tão alto poder,
Que os sábios discorrendo
Jamais o podem vencer,
Que não chega o seu saber
A não entender entendendo,
Toda a ciência transcendendo.

E é de tão alta excelência
Aquele sumo saber,
Que não há arte ou ciência
Que o possam apreender;
Quem se soubera vencer
Com um não saber sabendo,
Irá sempre transcendendo.

E se o quiserdes ouvir,
Consiste esta suma ciência
Em um subido sentir
Da divinal Essência;
É obra da sua clemência
Fazer quedar não entendendo,
Toda a ciência transcendendo.

São João da Cruz

&&&

No mosteiro, um dos monges mais novos, foi apanhado a furtar em flagrante delito.

O facto, por anómalo, foi narrado ao Mestre. Todos aguardavam a expulsão do infractor.

O mestre limitou-se a ignorar o acontecimento. Os restantes discípulos, indignados, dirigiram-se-lhe ameaçando-o com o seu abandono do mosteiro, caso o delito não fosse devidamente punido.

Disse-lhes o Mestre:

“Pelos vistos, vós sois sábios, capazes de distinguir o bem do mal, o que está certo do que está errado. Podeis ir para qualquer outro lugar praticar o Zen, ou praticá-lo por vós mesmos, se assim o desejardes. Mas, o que será deste nosso pobre irmão, que não entende algo aparentemente tão simples como o certo e o errado? Quem o aceitará para o ensinar? Quem o ensinará se eu o não fizer? Parti se assim vos aprouver, mas este irmão fica. O meu dever para com ele é bem maior do que para todos vós.”

História Zen

&&&

Solidão.
Após a queima de fogos,
Uma estrela cadente.

Shiki

&&&

Numa das muitas guerras civis que assolaram o Japão feudal, um general tido por cruel e impiedoso estava às portas de uma cidade do interior. Toda a população fugiu, à excepção de um Mestre Zen que vivia no templo.

Informado, quis o general conhecer tal homem. Estranhava o facto deste não se ter atemorizado como todos os outros.

Chegado ao templo, dirigiu-se-lhe de modo violento, dizendo:

“Seu asno! Não vês que estás perante poderoso guerreiro que te pode trucidar num piscar de olhos?”

O mestre, tranquilo, respondeu:

“E, será que o senhor compreende que se encontra perante um homem que pode ser trucidado em menos de um segundo?”

História Zen

&&&

Apesar do sol
Ardendo sem compaixão,
O vento de Outono.

Bashô

&&&

Um monge muito jovem, dirigiu-se ao Mestre Chao-chou, e com enorme alegria disse:

“Já nada tenho. Desfiz-me de tudo. O meu coração está apaziguado e a minha mente serena.”

“Desfaz-te disso, então, e atingirás o Zen.”

“Nada mais tenho, Mestre, de tudo me desfiz, de que me hei-de desfazer mais?!”

“Se assim o queres, fica com esse Nada que carregas...”

História Zen

&&&

OUTRAS CANÇÕES AO DIVINO DE CRISTO E A ALMA

Um Pastorinho, só, está penando,
Privado de prazer e de contento,
Posto na pastorinha o pensamento,
Seu peito de amor ferido, pranteando.

Não chora por tê-lo o amor chagado,
Que não lhe dói o ver-se assim dorido,
Embora o coração esteja ferido,
Mas chora por pensar que é olvidado.

Que só o pensar que está esquecido
Por sua bela pastora, é dor tamanha,
Que se deixa maltratar em terra estranha,
Seu peito por amor muito dolorido.

E disse o Pastorinho: Ai, desditado!
De quem do meu amor se faz ausente
E não quer gozar de mim presente!,
Seu peito por amor tão magoado!

Passado tempo em árvore subido
Ali seus belos braços alargou,
E preso a eles o Pastor se ficou,
Seu peito por amor muito dolorido.

São João da Cruz

&&&

O Mestre Taoísta Chuang Tzu sonhava que era uma borboleta. O sonho era perfeito, a sua liberdade total, perdera a individualidade. Quando acordou, pensou para si:

“Fui um homem que sonhou ser borboleta, ou sou agora uma borboleta que sonha ser um homem?”

História taoísta

&&&

Trovão –
Ontem a Leste,
Hoje a Oeste.

Kikaku

&&&

Existiu um pobre homem, cuja ânsia de ficar rico era tamanha, que passava com tal fito os dias em oração.

Em dia invernosso, no gelo do caminho, deparou-se-lhe meia enterrada choruda bolsa de moedas. As suas orações haviam sido atendidas.

Puxou-a, mas malgrado os seus múltiplos e constantes esforços, não se movia. Lembrou-se de urinar à sua volta, derretendo o gelo circundante. Foi aí, que despertou na cama encharcada de urina.

História Zen

&&&

A moça rodeia
O poeta que escreve versos –
Festival das estrelas.

Kyoshi

&&&

Um guerreiro japonês foi capturado pelos seus inimigos num cerco a uma fortificação.

Preso, tinha consciência que no dia seguinte iria ser torturado até que informasse as posições estratégicas do seu exército. Sabia também, que após a tortura não se conseguiria eximir à execução.

Em angústia de morte, sem que conseguisse adormecer, rememorou as palavras do seu Mestre Zen:

“O amanhã, o futuro, não existe, não é real. A única realidade é o Agora. Muito sofre quem não consegue entender e sentir esta verdade, a Verdade.”
Nisto, adormeceu em paz.

História Zen

&&&

Oh gansos selvagens!
Desde que tempo
Tendes viajado?

Issa

&&&

Um monge perguntou ao Sexto Patriarca Zen:
“Quem herdou o espírito do Quinto Patriarca?”
Aquele, respondeu:
“O que compreende o Budismo.”
“Então, fostes vós que o herdastes?”
“Não, eu não, não compreendo o Budismo.”

História Zen

&&&

OUTRAS COPLAS AO DIVINO

*Atrás de amoroso lance,
Que não de esperança falto,
Voei tão alto, tão alto,
Que, à caça, lhe dei alcance.*

Para que eu alcance desse
Àquele lance divino,
Voar tanto foi preciso
Que de vista me perdesse;
E, contudo, neste transe
A meio do voo quedei falto;
Mas o amor foi tão alto,
Que lhe dei, à caça, alcance.

Quando mais alto subia
Deslumbrou-se-me a visão,
E a mais forte conquista
Se fazia em escuridão;
Mas por ser de amor o lance,
Dei um cego e escuro salto,
E fui tão alto, tão alto,
Que lhe dei, à caça, alcance.

Quanto mais alto chegava
Deste lance tão subido,
Tanto mais baixo e rendido
E abatido me encontrava;
Disse: Não haverá quem alcance;
E abati-me tanto, tanto,
Que fui tão alto, tão alto,
Que lhe dei, à caça, alcance.

Por uma estranha maneira
Mil voos passei de um só voo,
Porque a esperança do céu
Tanto alcança quanto espera;
Esperei só este lance
E em esperar não fui falto,
Pois fui tão alto, tão alto,
Que, à caça, lhe dei alcance.

São João da Cruz

&&&

Um monge perguntou ao seu Mestre:
“Onde estareis dentro de cem anos?”
“Renascerei como cavalo ou talvez como um burro.”
“E depois disso?”
“Renascerei no Inferno.”
Intrigado e aturdido, disse o jovem monge:

“Mas, vós sois um sábio, um homem bom, no caminho da perfeição. Poderá tal ocorrer?”

“Se eu não renascer nesse local, para ensinar o Dharma onde mais necessário é, quem o fará?”

História Zen

&&&

A libélula,
Sem se conseguir agarrar
A uma folha de capim.

Bashô

&&&

Um discípulo, perguntou a Kian-fang:

“Todos os caminhos conduzem a Buda, mas, apenas um ao Nirvana. Onde começa esse caminho, bom Mestre?”

Kian-fang, utilizando o seu bastão, fez um sulco no chão de terra, dizendo:
“Aqui.”

História Zen

&&&

Sinos do anoitecer –
O barulho de um caqui maduro
Caindo no templo.

Shiki

&&&

GLOSA

*Sem arrimo e com arrimo,
Sem luz e às escuras vivendo,
Todo me vou consumindo.*

Minha alma está desprendida
De toda a coisa criada
E sobre si levantada,
Numa saborosa vida
Só em seu Deus arrimada.
Por isso já se verá
A coisa que mais estimo,
Que minha alma se vê já
Sem arrimo e com arrimo.

E, embora trevas padeço
Em esta vida mortal,
Não é tão grande o meu mal,
Porque, se de luz careço,
Tenho vida celestial;
Porque o amor dá tal vida,
Quanto mais cego vai sendo,
Que tem a alma rendida,
Sem luz e às escuras vivendo.

Faz obra tal o amor
Depois que o conheci,
Que se há bem ou mal em mim,
Tudo faz de um só sabor,
E à alma transforma em si;
E assim sua chama saborosa,
A qual em mim estou sentindo,
Apresta sem restar coisa,
Todo me vou consumindo.

São João da Cruz

&&&

Um noviço perguntou:
“Como poderei eu assimilar de modo correcto e útil, vossos ensinamentos?”
Respondeu o Mestre:
“Pensa em mim como pensas num sino. Se me deres um toque suave, a minha resposta será um leve tinido. Se o toque for vigoroso, receberás alta e contínua badalada.”

História Zen

&&&

O salgueiro desfolha-se.
Restos de verduras
Descendo o regato.

Shiki

&&&

Numa noite de Verão, um Mestre Zen recitava concentrado os Sutas.
Um ladrão de espada em punho, entrou na sua casa e exigiu-lhe todo o seu dinheiro.

“Não me incomodes. Não vês que recito os sutras. O dinheiro está na gaveta de cima do móvel que tens à tua frente.”

Instantes depois, voltou:

“Não leves todas as moedas. Deixa as necessárias para que eu amanhã possa pagar os impostos. Tudo, menos o dinheiro do Imperador; não quero ficar em falta para o Tesouro.”

O intruso já saía, quando o Mestre o advertiu:

“Não é bom costume agradecer, quando alguém nos faz uma doação?”

O ladrão, confuso, agradeceu gaguejando.

Passaram-se alguns dias e foi preso, tendo confessado no cárcere inúmeros delitos, entre os quais, o perpetrado em casa do Mestre Zen. Este, chamado a depor como ofendido, disse ao Magistrado:

“No que a mim me toca, este homem não é salteador.

Eu próprio lhe doei as moedas que levou de minha casa, ao que ele, inclusivamente, me agradeceu.”

O criminoso foi condenado por outros crimes, e após cumprimento da pena de prisão, tornou-se num dos discípulos mais dedicados do Mestre.

História Zen

&&&

Recolhendo toda
A chuva do mês de Maio

Corre o rio Mogami.

Bashô

&&&

Decidiram quatro monges, meditar em profundo silêncio durante alguns dias.

Na primeira noite, no aposento em que todos se encontravam, apagou-se a única vela que estava acesa.

Um dos monges, disse:

“Logo havia de se apagar agora!”

Um outro:

“Não foi acordado o silêncio total?”

O terceiro:

“”Porque é que vocês quebraram o silêncio?”

Por último, o quarto monge afirmou com orgulho:

“Vede, sou o único que não falou.”

História Zen

&&&

GLOSA AO DIVINO

Por toda a formosura

Nunca eu me perderei,

Mas sim por um não sei quê

Que se alcança por ventura.

Sabor de bem que é finito,
Ao mais que pode chegar
É cansar o apetite
E estragar o paladar;
E assim por toda a doçura
Nunca eu me perderei,
Mas sim por um não sei quê
Que se acha por ventura.

Não vos cause espanto isto,
Que o gosto se torne tal,
Porque é a causa do mal
Alheia de todo o resto;
E assim toda a criatura
Alienada se vê,
E gosta um não sei quê
Que se acha por ventura.

É porque estando a vontade
De Divindade tocada,
Não pode ficar pagada
A não ser com Divindade;
Mas porque esta formosura
Somente se vê por fé,
Saboreia um não sei quê
Que se acha por ventura.

Assim de tal namorado
Dizei-me se tendes dor,
Pois que ele não tem sabor
Entre tudo o que é criado;
Só, sem forma e sem figura,
Sem achar arrimo e pé,
Gostando lá não sei quê
Que se acha por ventura.

Não penseis que o interior,
Que é de muito mais valia,
Acha gozo e alegria
No que cá produz sabor;
Mas sobre toda a formosura
E o que foi, será e é,
Gosta de lá um não sei quê

Que se acha por ventura.

Mais emprega seu cuidado,
Quem se quer avantajado,
No que ainda está por ganhar
Que no que já tem ganhado;
E assim, para mais altura,
Eu sempre me inclinarei
Sobretudo a um não sei quê
Que se acha por ventura.

Pelo que pelo sentido
Se pode cá compreender
E quanto se pode entender,
Seja embora muito subido
Nem por graça e formosura
Eu nunca me perderei,
Mas sim por um não sei quê
Que se acha por ventura.

Finis

São João da Cruz

&&&

Um Mestre Zen de grande nomeada e reconhecimento público entrou no palácio do rei, sem que os guardas por reverência, o impedissem.

O rei, perguntou-lhe:

“Que desejais vós, bom homem?”

“Gostaria de dormir nesta estalagem.”

“Mas, aqui não é uma estalagem, este é o meu palácio, a minha morada.”

“A quem pertenceu este palácio antes de vós?”

“A meu falecido pai.”

“E antes?”

“A meu falecido avô.”

“Se esta é uma casa onde os seres humanos vivem por curto período, abandonando-a depois, definitivamente, como é que vós, rei sábio e perspicaz, podeis dizer que não se trata de uma estalagem?”

História Zen

&&&

Ao fazer a sesta,
A mão que segura o leque
Pára de se mexer.

Taigi

&&&

Um monge, questionou Ta-chu:

“As palavras são a Mente?”

“Não, as palavras são algo externo, uma manifestação externa.”

“Então, Mestre, onde posso encontrar a Mente?”

“Não há Mente além das palavras”, respondeu Ta-chu.

“Estou confuso. Se inexistente Mente independentemente das palavras, o que é afinal a Mente?”

“A Mente não tem forma, não tem imagens. Não depende nem independe das palavras. É de modo eterno, tranquila e livre no seu movimento próprio.”

História Zen

&&&

Olhe para o cuco
Que só canta, canta e voa –
Que vida ocupada!

Bashô

&&&

No mosteiro havia um gato, que na hora destinada à meditação, importunava os praticantes.

O Mestre ordenou que fosse preso durante esse período.

Volvidos anos, faleceu o Mestre, e o gato continuou a ser imobilizado.

Também o gato morreu, e logo foi substituído por um outro, que continuou a ser amarrado.

Séculos passados, eruditos escreveram obras imensas sobre a importância e necessidade de se amarrar um gato durante a prática da meditação.

História Zen

&&&

LETRAS

Do Verbo divino
A Virgem prenhada

Segue de caminho:
Pede-vos pousada.

Suma da perfeição

Olvido do que é criado,
Memória do Criador,
Atenção ao interior
E estar amando o Amado.

São João da Cruz

&&&

Um dos maiores generais do exército imperial foi visitar um seu amigo, superior do templo de Tofuku.

De modo desdenhoso, como quem comanda soldados, disse a um monge ainda muito jovem:

“Diz ao teu Mestre, que o Grande General Kitagaki pretende vê-lo.”

O monge transmitiu a mensagem e retornou junto do general, dizendo:

“Peço desculpa, mas o Mestre não o irá receber, não conhece nenhum Grande General.”

Após reflexão, o general, disse:

“Desculpe a minha arrogância, jovem. Diga ao seu Mestre, que Kitagaki deseja vê-lo.”

De imediato surgiu o Mestre, que de braços abertos e efusivamente o cumprimentou:

“Kitagaki, há quantas luas estes meus velhos olhos não te enxergam; grande é a minha alegria. Entra meu bom amigo.”

História Zen

&&&

Tudo o que restou
Dos sonhos dos guerreiros –
Capim de Verão.

Bashô

&&&

Um mestre falava aos seus discípulos sobre a natureza da Perfeição. Um deles, incapaz de perceber o sentido do ensinamento, porventura algo irritado, observou que perto do local onde o mestre dissertava estava um cesto de maçãs. Um tanto ironicamente, disse:

“Mestre, a tua explicação é fascinante, estou deslumbrado. Serás capaz de me demonstrar na prática a essência da perfeição, nomeadamente, servindo-te de uma das maçãs que estão junto a ti?”

O mestre, sereno, caminhou para a cesta, retirou uma das maçãs, e entregou-a ao aluno.

Este, já arrogante disse:

“Mas, esta maçã está podre num dos lados. Como pode ser esta a perfeição de que fala?”

“Tens razão, jovem. Mas, para o teu nível de discernimento e compreensão, esta maçã que em parte está podre, é a mais perfeita que poderás obter...”

História Zen

JOSÉ MARIA ALVES
WWW.HOMEOESP.ORG